

Conhecimento

CONFLITO PSÍQUICO E SUAS INTERFACES

– A – CONFLITOS PSÍQUICOS: CONCEITOS

1. AMBIVALÊNCIA COMO FATOR CONFLITIVO INICIAL
2. TIPOS DE CLIVAGEM
3. CONFLITO PSÍQUICO

– B – CONCEITOS GERAIS LIGADOS AOS CONFLITOS PSÍQUICOS

1. O QUE SE ENTENDE EM PSICANÁLISE POR REALIDADE PSÍQUICA
2. FRUSTRAÇÃO
3. TRAUMA PSÍQUICO
4. CONCEITO DE A POSTERIORI - TRAUMA

– C – O DESENVOLVIMENTO DA ANGÚSTIA COM SUAS ORIGENS

1. PREMISSA
2. O QUE É ANGÚSTIA
3. O QUE É O MEDO
4. O QUE É PAVOR OU SUSTO
5. O QUE É ANGÚSTIA AUTOMÁTICA
6. O QUE É SINAL DE ANGÚSTIA
7. O QUE É DESENVOLVIMENTO DE ANGÚSTIA (LIGADO AO AFETO)
8. RELACIONANDO A ANGÚSTIA COM O ATENDIMENTO EM CONSULTÓRIO
9. O QUE É ESTADO DE DESAMPARO
10. O QUE É SENTIMENTO DE INFERIORIDADE
11. COMPLEXO DE INFERIORIDADE
12. SENTIMENTO DE CULPA

- ESTUDO DIRIGIDO – CONFLITO PSÍQUICO E SUAS INTERFACES

- ESTUDO PREPARATÓRIO PARA O TESTE DE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM (TAA)

A – CONFLITOS PSÍQUICOS: CONCEITOS

1 - AMBIVALÊNCIA COMO FATOR CONFLITIVO INICIAL

1.1 - CONCEITUANDO INICIALMENTE O QUE SE ENTENDE POR AMBIVALÊNCIA

- Presença simultânea na relação do ego com um ou mais objetos de sentimentos opostos, que o impulsionam a tomar uma atitude, a fazer uma escolha que deverá se subordinar às restrições momentâneas da censura externa (ego ideal) e da censura interna (ideal de ego).
- A ambivalência é sempre momentânea, ligada a um estímulo eventual que induz o ego a se manifestar, a tomar decisões, ou seja, pelo uso imediato do sistema racional.
- Só existe a ambivalência até a tomada de decisão. Após a tomada de decisão, caso ela não seja elaborada, se estabelecerá uma frustração ou uma culpa.
- A ambivalência pode ser entendida como o estado psicológico que apresenta duas intenções ou dois sentimentos diferentes em relação a um objeto, ou uma situação específica, que necessita de uma decisão coerente do ego que avalia.

Explicando melhor:

- A ambivalência caracteriza a existência simultânea de duas ideias, de dois desejos em relação a uma única escolha possível, que se excluem mutuamente, em função das restrições internas e externas que se estabelecem.
- Enquanto não existir uma escolha elaborada, ou seja, que não produza conflitos externos ou internos e que elimine a influência posterior do objeto não escolhido, não cessará o conflito do ego com relação à escolha de objeto que foi realizada.
- A ambivalência é o processo natural da vida que se estabelece quando o ego tem que decidir algo (livre arbítrio).
- Contudo, reafirmamos que influenciam na escolha do indivíduo fatores externos ligados aos seus desejos e interesses, decorrentes dos padrões do ego ideal, fatores internos ligados aos padrões que constituem o ideal de ego e a correspondente ação de censura do superego.
- Encontramos ambivalências na escolha de objetos em nível material, financeiro, afetivo, sexual etc.

1.2 - EXEMPLOS DA EXTINÇÃO DA AMBIVALÊNCIA POR DECISÃO ELABORADA DO EGO

Em nível material:

- Um indivíduo está ambivalente em relação a comprar uma roupa na cor azul ou na cor preta.

- Se decidir comprar a roupa azul, e ao vesti-la não lembrar mais da roupa preta, a ambivalência foi extinta, pois a decisão foi elaborada baseada na preferência de uma cor ou do preço etc.
- No entanto, se ao vestir a roupa azul continuar lembrando da roupa preta e sentir uma certa frustração, um desejo de estar vestindo a roupa preta, podemos dizer que não houve uma elaboração do ego na escolha e provavelmente algo não foi resolvido emocionalmente em relação a sua decisão anterior.
- Nessa hipótese se estabelecerá um conflito intrapsíquico, que chamamos, em Psicanálise, de clivagem, ou seja, uma divisão de sentimentos, que mutuamente, sem se anularem, continuarão a influenciar o indivíduo, forçando-o agora a perlaborar ou aceitando definitivamente, sem culpas ou frustrações a escolha feita, ou ao tomar novas decisões que o satisfaçam.

Em nível financeiro:

- Ao receber uma solicitação de empréstimo de um amigo, um indivíduo, avaliando suas possibilidades financeiras ficou ambivalente se emprestaria ou não a quantia solicitada.
- Se emprestar (dando a César o que é de César), atendendo às suas necessidades financeiras futuras e de maneira parcial ou total a exigência do amigo (dando a Deus o que é de Deus), e isso não lhe trazer conflitos intrapsíquicos (frustrações, culpas etc.) terá elaborado e a sua decisão certamente eliminou a ambivalência: empresto ou não empresto.
- Se ao emprestar sentir frustração, porque não queria fazer isso (anjo) ou culpa por ter emprestado menos do que deveria (demo), ficará clivado, dividido entre o desejo de não ajudar e o desejo de ajudar, que continuará influenciando-o.

Em nível afetivo:

- Ambivalência afetiva: namoro esse objeto ou namoro o outro?
- Se escolher um, e esquecer o outro houve a extinção da ambivalência.
- Se escolher um, e ficar pensando no outro estará clivado.
- Outro exemplo de ambivalência afetiva: não sabe se ama ou odeia o objeto.

Em nível sexual:

- Ambivalência sexual: uma moça foi encontrar-se pela primeira vez com um rapaz e sentiu desejo sexual por ele, porém ficou em dúvida se deveria transar ou não no primeiro encontro.
- Se ela transar e se sentir bem, em relação a sua decisão, foi extinta a ambivalência.
- Se ela transar e sentir culpa, mas ficar com vontade de transar novamente com ele, estará clivada.

Conclusão:

- Enquanto o ego não tomar uma decisão que o satisfaça plenamente (racional + emocionalmente) estará estabelecida a clivagem.

Explicando melhor:

- Quando o ego tomar uma decisão e ficar dividido (desejo x realidade externa/interna produzida pelo ego ideal e pelo ideal de ego), conflitado de alguma maneira, pelos dois sentimentos opostos (ambivalência), podemos dizer que agora estabeleceu-se a clivagem.

1.3 - O EGO – PRAZER / O EGO – REALIDADE E A SUA RELAÇÃO AMBIVALENTE

Ambivalência natural: Prazer x Realidade

- Termo utilizado por Freud, com referência à relação do sujeito com o mundo exterior e do confronto com a sua realidade interna.
- O ego prazer x o ego realidade são, muitas vezes, ambivalentes, opostos e excludentes, principalmente quando os desejos que impulsionam o ego a ter prazer no atendimento de uma de suas necessidades se chocam com os padrões de ego ideal e do ideal de ego.
- As pulsões oriundas do id (Eros), que induzem o ego a restabelecer o prazer anteriormente perdido, encontrarão dificuldades de atingir suas metas quando o ego que sente egocentricamente é obrigado a se submeter ao princípio da realidade interna imposta pelo ego que avalia empaticamente, que é regido pelo ideal de ego/superego.
- A perlaboração dessa ambivalência (prazer x realidade) é mais lenta e menos completa nas induções das pulsões sexuais, impulsos estes que por serem predominantemente emocionais são mais difíceis de serem submetidos ao princípio da realidade imposto pelo ego que avalia empaticamente/moralmente (ideal de ego), do que as pulsões fisiológicas: impulsos de autoconservação: xixi, cocô, fome, sede etc., que geralmente não induzem a atitudes que ferem o ideal de ego.
- A ambivalência prazer x realidade: o ego prazer faz o ego sentir egocentricamente, subordinando-se emocionalmente aos seus desejos, induzindo-o a agir para eliminar o desprazer que o atingiu em si mesmo.
- Contudo, ao mesmo tempo, o ego que sente e avalia empaticamente induzirá o indivíduo a respeitar a realidade, ou seja, considerar os padrões morais, segundo aquilo que lhe é permitido pelo ideal de ego e pelo ego ideal.
- O ego prazer e o ego realidade não são duas formas radicalmente distintas do ego, mas sim dois modos de funcionamento psíquico que caracterizam uma ambivalência natural: segundo o princípio do prazer (id) e segundo o princípio da realidade (aprendizado moral e social introjetado no caráter/ideal de ego).

- Quando o desenvolvimento do ego prazer cliva o indivíduo, pela influência simultânea da estrutura do ego realidade (que sente e avalia empática e moralmente), é estabelecido a base conflitiva para formação de todas as doenças psíquicas.
- Só existirá o equilíbrio, a homeostase psíquica pela obtenção do prazer (ego que sente), quando o indivíduo buscar a realização de seus desejos, através da negociação entre aquilo que lhe é agradável, mas também é coerente com seus valores morais, contemplando, simultaneamente, o atendimento das restrições internas e a realidade vivida externamente. Caso contrário, teremos estabelecido o conflito psíquico e a decorrente clivagem do ego (desejo x culpas).
- Instintivamente o ego gosta daquilo que é agradável e se defende contra tudo que é desagradável.
- Este processo psíquico se faz por uma identificação fácil e natural por serem os estímulos agradáveis que chegam do mundo exterior, ou pela projeção (para fora de si mesmo) dos seus desejos reprimidos/recalcados que interiormente é gerador de desprazer: culpas, inseguranças, medos, insatisfações etc.
- O processo de projeção encontra sua origem na infância, quando a criança cospe, impulsionada pelo id livrando-se daquilo que não gosta.
- Nesta nova posição, o ser humano é muito influenciado pelo ego-prazer, já que tudo que é desagradável deve estar fora de si mesmo para o encontro da homeostase (equilíbrio psicológico).
- Os pontos de vista freudianos, sobre a ambivalência do ego-prazer x ego-realidade, constituem uma tentativa para estabelecer uma mediação entre o ego-realidade e o ego como instância que deseja o prazer, aquilo que é agradável, mas deve submeter-se às restrições da vida, às regras sociais e aos processos de censura interna e externa.
- O ego realidade se desenvolve, principalmente, pelo uso da razão, ou seja, pelo ego que avalia os riscos, que corrige, que limita, elabora, perdoa, se perdoa e evolui.
- Já o ego prazer é emocional e instintivo, e busca introjetar tudo que é bom e agradável, rejeitando e eliminando de si tudo que é contrário à realização de seus desejos. Ele se caracteriza, principalmente, pela emoção, pelo ego que sente, sendo ilógico e impulsivo.
- Assim, o ego prazer constitui um conjunto de operações psíquicas que buscam a introjeção de tudo que é agradável e a projeção do que é desagradável (rejeitando e colocando para fora).
- O ego prazer é um grande influenciador da personalidade humana (ego ideal), contudo o ego realidade é um grande construtor do caráter humano (ideal de ego).
- O ego prazer x ego realidade estabelece o conflito de um ego que deve compreender um mundo interior e um exterior.
- É a harmonia entre os dois que eliminará as ambivalências através das escolhas elaboradas e as clivagens geradas através das escolhas não elaboradas, que acionam as restrições da censura (ideal de ego/superego).

- O superego atua intimamente ligado ao ego realidade, já que age como censor baseado nos padrões do ideal de ego (realidade moral introjetada).
- A saúde psíquica e mental é decorrente dessa harmonia. A desarmonia, entre eles, produzirá os conflitos que poderão gerar as doenças psíquicas (depressões, neuroses, psicoses etc.).

2 - TIPOS DE CLIVAGEM

2.1 - CLIVAGEM DE EGO – DIVISÃO ENTRE UM DESEJO X A REALIDADE VIVIDA PELO INDIVÍDUO, PRODUZIDA PELA AÇÃO DA CENSURA INTERNA (IDEAL DE EGO/SUPEREGO)

- Clivagem de Ego: expressão utilizada por Freud para designar o fenômeno muito particular que ele vê operar de maneira intensa, sobretudo nos estados borderline (limite entre as neuroses e psicoses), na qual o indivíduo vive, em relação a uma estimulação produzida por um objeto, uma ação intensa de seus desejos primitivos (poligamia, homossexualidade, incesto, agressividade) e simultaneamente uma rígida ação restritiva de sua censura interna (ideal de ego/superego).
- Na clivagem de ego persistem, simultaneamente, dois movimentos psíquicos em relação a realidade exterior, quando esta contraria a realidade interior: a influência do desejo x a ação da censura.
- Esses dois movimentos contrários coexistem lado a lado sem se anularem reciprocamente, estabelecendo uma divisão do ego que só poderá ser eliminada, através de uma atitude perlaborada que atenda de forma adequada as duas exigências intrapsíquicas.
- Como já vimos, na clivagem de ego há um conflito interno entre o desejo e a realidade do indivíduo, na qual a censura (superego) exerce um processo de restrição à livre atitude do ego.
- Na clivagem de ego o indivíduo também poderá estar sendo restringido por uma censura externa, que impede, reprime a livre expressão dos seus desejos como uma decorrência dos padrões sociais que exigem dele, uma conduta adequada em relação aos princípios morais e legais que regulam a boa convivência humana.
- Nesse caso, ele certamente sentirá a frustração pela ação da censura social, contudo poderá ou não sentir culpa, dependendo do nível de sua consciência moral/ideal de ego.
- A clivagem de ego é decorrente de uma falta de perlaboração do desejo ou da falta da flexibilização dos padrões do ideal de ego, forçando o indivíduo a contrainvestir, mantendo a representação gerada pelo conflito, reprimida ou recalcada.
- Na clivagem de ego, pela falta de perlaboração do desejo não aceito pelo ideal de ego/superego, são estabelecidos três momentos para com a realidade interior/exterior:
1º momento – Aceita o desejo – no primeiro momento, o indivíduo ao ser estimulado emocionalmente por um objeto externo, interno (fantasias) ou mesmo pelas induções do

id, se deixar influenciado pelo desejo desencadeado, estabelecendo para si mesmo uma exigência de satisfação da necessidade que foi deslocada pelo estímulo.

2º momento – Restrição moral externa/interna – no segundo momento, ou a censura externa, ou a censura interna (superego), ou ambas restringirão o ego em nível consciente, alertando-o para não agir segundo esse desejo (segunda censura): é o ‘não faça isso!’

3º momento – Decisão do ego – no terceiro momento ou o indivíduo agirá segundo o desejo (ego prazer, ação demo) sentindo culpa, ou o reprimirá, desenvolvendo um intenso nível de conflito interno.

Ao reprimir sem perlaborar poderá produzir fantasias, que o assombrarão constantemente ou poderá recalcar, esquecendo momentaneamente o desejo, mantendo-o no inconsciente, o que poderá exigir contrainvestimentos do ego, impedindo que os representantes psíquicos tragam as lembranças do que ele quer, mas não deve fazer.

- Para Freud a clivagem de ego é resultado do conflito entre um conteúdo considerado inadmissível pelo ego (desejo), que pode ser separado provisoriamente da consciência pela ação do recalque, ficando isolado no campo inconsciente.
- Para Breuer, a clivagem de ego designa o conflito fundamental que pode desencadear a esquizofrenia: dissociação (clivagem) do psiquismo em grupos associativos de representações dispersas que se mantêm recalçadas. (Estudaremos esse assunto futuramente)
- Freud afirma que o conflito psíquico estabelecido no indivíduo na relação com seus desejos quando eles se chocam com a sua realidade intrapsíquica, poderá estabelecer neuroses.
- O conflito psíquico decorrente da clivagem em nível consciente é inexistente quando o indivíduo alucina nos sintomas psicóticos. (Estudaremos esse assunto futuramente)
- Com efeito, nos sintomas psicóticos quando o indivíduo consegue mergulhar totalmente no mundo imaginário, desligando-se da realidade que lhe censura, perdendo a representação-meta, ou seja, a coerência, a clivagem deixa de influenciá-lo, fazendo-o viver num estado de alienação mental.
- No entanto, o que se observa na formação dos sintomas psicóticos, ou seja, no comportamento do indivíduo, é a existência de duas atitudes psíquicas que se conflitam no ego (clivagem):
 - A. Um comportamento momentâneo que leva em conta a realidade moral, ou seja, a atitude normal aceitável que considera a censura (ideal de ego).
 - B. E outro comportamento que, sob a influência do desejo, desliga o ego da realidade de sua vida e a substitui por uma nova realidade intrapsíquica alucinatória, que o faz perder a representação-meta como forma final de defesa, protegendo-o, desse modo, da ameaça pulsional do desejo (desejo irreconciliável com o ego). Numa linguagem

simples o ID invadiu o ego, não existindo mais capacidade de contrainvestimento em relação ao desejo, forçando o ego a defender-se pela alienação da realidade.

- Desse modo, poderíamos dizer que no limite da predominância da influência do desejo (surto psicótico), não haveria clivagem de ego pela inexistência de uma defesa econômica através dos contrainvestimentos do ego.
- Já, na vida normal de um indivíduo, quando há a total predominância da defesa, ou seja, enquanto a capacidade de contrainvestimento do ego for maior e capaz de conter o retorno dos representantes psíquicos impulsionados pelo id, existirá o predomínio da censura, da realidade objetiva do indivíduo, podendo produzir sintomas conversivos e histéricos (Estudaremos esse assunto futuramente)
- A clivagem de ego não é propriamente uma defesa, mas uma consequência da relação conflitiva do indivíduo com o meio que o cerca, fazendo coexistir dois processos intrapsíquicos: um voltado para a realidade/censura (recusa do desejado por ser temido, inadequado) e outro para a aceitação do desejo, podendo redundar na formação dos sintomas neuróticos quando não existir capacidade total de defesa perante a ameaça pulsional (ID) e no desenvolvimento das psicoses quando desaparecer a capacidade de contrainvestimento do ego.

2.2 - CLIVAGEM DE OBJETO: O OBJETO É SIMULTANEAMENTE CONSIDERADO COMO BOM E MAU, COMO ADEQUADO E NÃO ADEQUADO

- A clivagem de objeto é decorrente das insatisfações decorrentes das frustrações: mágoas, revoltas, ódios que o ego desenvolve em relação a um objeto externo, que num dado momento deixa de atender, de algum modo, seus desejos ligados às suas necessidades de provisão (fisiológicas, ou de segurança, ou de reconhecimento, ou de lazer).
- A clivagem de objeto acontece quando o objeto não atende os padrões de ego ideal ou de ideal de ego.
- Na clivagem de objeto fica caracterizada que o ego estabeleceu uma relação anterior de amor, de satisfação com um objeto eleito como bom e adequado, e que num dado momento deixa de atender as exigências de seus desejos ou de suas idealizações, ou seja, do seu sistema pulsional, fazendo-o desenvolver um processo provisório de insatisfação, de rejeição, de ódio, que o desarmonizará, produzindo angústia.
- A clivagem de objeto caracteriza-se, simultaneamente, pelos sentimentos de amor, de aceitação, de desejo pelo objeto e pelo seu contrário: a insatisfação, o ódio, a rejeição e a não aceitação de sua presença pela frustração que desenvolve.
- Esse conceito foi introduzido por Melanie Klein (posterior ao conceito de clivagem de ego) e por ela considerado como a defesa mais primitiva contra a angústia produzida na criança, por um inadequado relacionamento com objeto mãe.
- Para ela, o objeto mãe, visado pelas pulsões de Eros e simultaneamente pelas destrutivas (Tanatos) da criança divide-se em um “bom” e um “mau” objeto. As influências boas e más terão, então, destinos relativamente independentes, tanto nas

introjeções de seus padrões de ideal de ego/ego ideal, como das suas projeções agressivas em função das suas insatisfações, contudo essas influências coexistirão lado a lado, sem se anularem.

- A clivagem de objeto é particularmente atuante nos sintomas esquizoparanóides do adulto que apresentam no processo terapêutico intensas frustrações nas fases pré-genitais, particularmente na fase oral, estabelecendo um sentimento não elaborado com objetos parciais, como por exemplo, seio bom, seio mau. (Estudaremos esse assunto futuramente)
- A clivagem de objeto também é identificada na posição depressiva da criança, incidindo então sobre o objeto total. Ex.: mãe boa, mãe má, principalmente quando a mãe, por um motivo qualquer, deixa de dar atenção integral à criança e passa menos tempo com ela. Ex.: A mãe volta a trabalhar após a licença maternidade.
- A clivagem de objeto pode estar também acompanhada de uma clivagem de ego, caso a frustração produzida pelo objeto, também estabeleça culpas no indivíduo ao sentir, simultaneamente, amor e ódio pelo objeto que o estimula, ora adequadamente, ora inadequadamente.
- Como já falamos, nas clivagens (tanto de ego quanto de objeto) coexistem as duas emoções contrárias, simultaneamente, sendo que uma não anula a influência da outra.

2.3 - EXEMPLOS DE CLIVAGEM DO EGO/OBJETO

Exemplo 1:

- ❖ Uma mulher tem desejos de ter uma relação sexual com um homem, mas sente dor na penetração (vaginismo), pois teme o objeto sexo: clivagem entre o desejo e a defesa (clivagem de ego).

A partir dessa clivagem de ego, pode ser estabelecida uma clivagem de objeto, pois simultaneamente ela pode passar a amá-lo no relacionamento diário e a odiá-lo por ter que manter com ele um relacionamento sexual.

Exemplo 2:

- ❖ Alguém fica casado com uma mulher porque gosta dela e dos ganhos que ela lhe proporciona (afetivos e financeiros), mas atualmente está infeliz por ter descoberto uma infidelidade (clivagem de objeto): amor x ódio.

A partir dessa clivagem de objeto poderá sentir desejo de ter relações sexuais com outra mulher, mas simultaneamente sua censura interna lhe sinaliza não estar fazendo algo certo, porque será infiel pelo seu padrão de ideal de ego (clivagem de ego).

- ❖ Alguém deseja comprar uma roupa cara que não pode pagar, atendendo o seu desejo (vaidade,) lhe fazendo imensamente feliz por isso, mas sai da loja sem comprar ao sentir a ação da censura, alertando-o para não assumir uma dívida não admitida pela sua atual condição financeira (clivagem de ego).

Ele vai numa outra loja e compra uma roupa substitua, dentro do seu orçamento, no entanto, sempre que usa essa roupa, sente uma frustração, angústia ao se lembrar que não queria tê-la adquirido, transformando essa roupa em um bom objeto e simultaneamente em um mau objeto (clivagem de objeto).

Exemplo 3:

- ❖ Alguém casa por amar a outra pessoa, atendendo também a exigência introjetada no seu ego ideal. Contudo, se sente frustrado porque gostaria de ter ficado solteiro (clivagem de objeto).

Exemplo 4:

- ❖ Alguém está insatisfeito com seu cônjuge, porque ele lhe impede de ter uma relação com meus amigos, contudo percebe e agradece as inúmeras qualidades que ele possui (clivagem de objeto).

Observações gerais:

- No processo terapêutico para que você elimine as clivagens de ego é necessário, por vezes, flexibilizar a rigidez do ideal de ego que seu paciente apresenta, reduzindo a ação punitiva da censura moral (do superego). Torna-se necessário também fazer seu paciente perlaborar seus desejos, se perdendo, permitindo a eliminação das culpas.
- Para a eliminação das clivagens de objeto torna-se necessário fazer seu paciente compreender as limitações do objeto que produziu as frustrações, incentivando-o a abrir a negociação com ele.
- Caso seja impossível negociar, motive-o a perlaborar pelo a amar mesmo não gostando.
- Para evitar o estabelecimento de uma clivagem de objeto é necessário incentivar seu paciente a fazer uma escolha adequada de objeto, que atenda simultaneamente os seus desejos e a realidade de seu ego, frente ao seu próprio sistema de valores. Contudo, alerte-o que não existe perfeição e que se torna necessário negociar (tempo, recursos materiais, presença), e que se não for possível deve amar mesmo não gostando: paciência, tolerância ou resignação.
- **Importante:** qualquer processo de decisão passa inicialmente pela ambivalência, e a posteriori pode passar pela clivagem.
- A existência de recalque já demonstra que há clivagem de ego, estando o conteúdo conflitivo separado da consciência e alojado no campo inconsciente até que o indivíduo possa elaborar seus conflitos existenciais.
- Na formação de sintomas neuróticos (fobias, obsessões, compulsões etc.), verificam-se a presença de desejos e de censura, havendo sempre uma clivagem de ego. (Estudaremos esse assunto futuramente)

3 - CONFLITO PSÍQUICO

- De uma maneira geral podemos entender por conflito psíquico todo estado emocional angustiante que afeta a autoestima de um indivíduo, desarmonizando-o.
- O conflito psíquico pode ter duas principais origens:
 - **1ª origem:** Uma situação externa restritiva e desagradável, que produz uma clivagem de objeto: objeto bom e objeto mau decorrente das frustrações, mágoas, rancores, ódio, rejeição etc.
 - **2ª origem:** Uma restrição interna devido a ação do superego, produzindo culpa decorrente dos desejos do ego, que se confrontam com a própria realidade interna imposta pelo ideal de ego (clivagem de ego).

Explicando melhor:

- Os conflitos psíquicos são uma consequência das restrições impostas ao ego, limitando o livre atendimento de uma necessidade, desencadeada por um determinado estímulo oriundo de um objeto.
- As restrições podem ser externas como falta de recursos financeiros ou impedimentos de qualquer ordem impostas pelas limitações sociais (ego ideal), de tempo, físicas, psicológicas etc.
- As restrições podem ser internas quando oriundas das limitações impostas pelo ideal de ego (caráter). Isso acontece, quando o indivíduo aceita os desejos oriundos do id (Eros), mas não os realiza em função da restrição moral (superego).
- As representações ligadas a um conflito não elaborado, que produziu no ego uma clivagem de objeto ou de ego, poderão ser recalçadas e podem exprimir-se de forma deformada no material manifesto do sonho ou na formação de sintoma (obsessões, fobias, compulsões). (Estudaremos esse assunto mais adiante)
- Caso os conflitos não sejam elaborados pelo ego produzirão o afeto (algo desagradável que está momentaneamente no campo consciente), bem como o quantum de afeto (algo desagradável que se vinculará as representações existentes nos campos pré-consciente e inconsciente).
- Um conflito, decorrente de uma clivagem não elaborada, produzirá desordens no comportamento do indivíduo, fixando o ego nas lembranças das representações que estão no pré-consciente: culpas, mágoas, rancores, sentimentos de inferioridade, rejeição, revolta etc, que poderão gerar, por defesa, contrainvestimentos do ego, produzindo material reprimido (no pré-consciente) ou recalques (inconscientes).
- Freud diz que a mente apresenta um aspecto “dinâmico”, conflitivo, assim, a psicanálise considera o conflito como constitutivo natural e inerente do ser humano, sob diversas perspectivas.
- Desde as suas origens, a psicanálise estuda o conflito psíquico, e logo foi levada a fazer dele a noção central da teoria das neuroses.

- Nos “Estudos sobre a histeria, 1895”, mostra como Freud encontra no tratamento, à medida que se vai aproximando das recordações patogênicas ligadas às representações recalçadas, uma crescente resistência; essa resistência é a expressão atual de uma defesa contra os desejos conflitivos recalçados (no inconsciente) ou reprimidos (no pré-consciente), que Freud designa como desejos inconciliáveis com a moral (caráter/ideal de ego) que produzem a clivagem de ego ou com a personalidade (ego ideal), que produz a clivagem de objeto.

3.1 - CONFLITO E A SUA RELAÇÃO COM O APARELHO PSÍQUICO

- Convém notar que é possível explicar o conflito psíquico em níveis relativamente distintos do aparelho psíquico:

- ❖ No nível tópico (de lugar), encontramos conflitos entre os campos (inconsciente/desejo \times consciente/realidade).

Exemplo: O sonho como manifestação normal de um desejo recalçado, não pode ser aceito livremente no campo consciente. Isso produzirá uma ação mediadora da censura (superego) que deformará seu conteúdo, permitindo que assim possa acessar o campo consciente, sem que o ego identifique corretamente o desejo ligado ao sonho.

- ❖ No nível estrutural (da personalidade), conflito entre as instâncias (id \times ego \times superego).

Exemplo: Quando o ego se afastar dos padrões morais ao ser impulsionado pelo id a agir, o superego produzirá a culpa por ação do “Tu” (censura moral avançada) ou distonias emocionais por uma ação da censura moral inconsciente (mudinho), quando o representante psíquico ultrapassar a fronteira do sistema inconsciente/pré-consciente.

- Freud chega a especificar, no ser humano, uma “tendência natural para o conflito, principalmente o sexual” e acrescenta que, esta tendência seria o fator variável cuja intervenção faria com que a bissexualidade, própria do ser humano, se transformasse, em certos casos, num conflito entre exigências rigorosamente inconciliáveis pelas restrições morais (clivagem entre desejos hetero e homo).
- Ao passo que na ausência desse fator conflitivo, nada deveria impedir as tendências homossexuais e heterossexuais de se realizarem, numa solução equilibrada e perlaborada, não produzindo a culpa, o que foi muito comum até o ano 1.000 da era cristã, em relação ao homem, pois a homossexualidade não era conflitiva numa sociedade na qual o sexo masculino era símbolo de superioridade, sendo a ele tudo permitido.

B – CONCEITOS GERAIS LIGADOS AOS CONFLITOS PSÍQUICOS

1 - O QUE SE ENTENDE EM PSICANÁLISE POR REALIDADE PSÍQUICA

- Expressão utilizada muitas vezes por Freud para designar pensamentos, ideias, desejos, fantasias, medos, as mágoas, as frustrações, as culpas etc. que no psiquismo do sujeito apresentam uma coerência própria decorrente das suas tendências, desejos, idealizações e vivências e também de uma resistência motivada pelo ideal de ego/ego ideal.
- A realidade psíquica é também influenciada pelos investimentos do id que traz para o consciente: desejos + as tendências inatas + os representantes psíquicos (lembranças que retornam das representações recalçadas).
- Realidade psíquica é aquilo que internamente para o indivíduo assume muita importância no seu psiquismo, chocando-se quase sempre com seus valores e com a realidade vivida perante o mundo.
- Cada indivíduo constrói a sua própria realidade psíquica, não existindo duas iguais, já que os valores, tendências e aprendizado do ego são sempre heterogêneos.

2 - FRUSTRAÇÃO

- Frustração é a condição psicológica desagradável e angustiante, decorrente de um conflito psíquico ligado ao não atendimento de uma necessidade do ego, ou seja, das expectativas em receber algo de um objeto: pessoas, coisas materiais e dos sistemas (família, sociedade, trabalho) para estar feliz e que não foi caracterizada.
- A frustração é sempre angustiante e pode ser decorrente também de um desejo, ou que foi recusado internamente pelo próprio indivíduo (censura moral/ideal de ego) ligada a uma pulsão, ou a uma necessidade que não pode ser atendida sem chocar-se com a censura do superego baseada no ideal de ego (clivagem de ego).
- A frustração pode também ser decorrente do não atendimento de uma necessidade que produziu intensa expectativa interior e que se torna impossível de se concretizar por uma restrição externa (ex.: recebe um convite irrecusável para viajar, mas tem que reprimir, o desejo, a vontade, pois as crianças não podem sair de férias naquele momento, sem prejudicar o rendimento escolar).
- Assim, toda vez que um indivíduo não tiver atendido, de maneira adequada, as exigências de suas necessidades fisiológicas, das suas necessidades de segurança, reconhecimento ou de autorrealização do self (lazer) estaremos diante de um grau de frustração que poderá produzir: mágoas, revoltas, agressividade, inveja etc., em relação aos outros, ou mesmo em relação a si mesmo.
- Desse modo a frustração também pode ser do indivíduo consigo mesmo quando ele se sentir inferiorizado por não ter conseguido desenvolver os padrões introjetados no ego ideal: a perfeição moral ou a perfeição física, ou a perfeição intelectual, ou a perfeição espiritual e principalmente a perfeição social idealizada.

Essa frustração consigo mesmo é baseada no orgulho ferido por não ter sido reconhecido em sua pretensa perfeição e superioridade. Podemos chamar essa frustração de culpa inautêntica.

- A ação restritiva e conflitiva da censura moral também poderá produzir culpas, em um indivíduo, que estabelecerá também um certo nível de frustração consigo mesmo, já que se afastou dos padrões idealizados para sua conduta pessoal.
- A ciência psicológica contemporânea, especialmente nos estudos sobre a aprendizagem, tende a interligar a frustração com a gratificação, e a defini-las como condição de um organismo submetido, respectivamente, à ausência ou à presença de um estímulo agradável, prazeroso.
- Tal concepção pode aproximar-se de certas ideias de Freud, particularmente daquelas em que ele parece assimilar a frustração à ausência de um objeto externo suscetível de satisfazer uma necessidade do ego, e que por não estar atendida, obriga o id (Eros) a pulsionar o ego, induzindo-o a atendê-la.

3 - TRAUMA PSÍQUICO

3.1 - CONCEITUAÇÃO

- Acontecimento desagradável da vida de um indivíduo, que se define pela intensidade emocional que atinge seu sistema psicológico/nervoso e pela incapacidade que o sujeito apresenta de reagir de forma adequada pelo uso da razão (elaboração).
- O trauma psíquico poderá produzir transtornos, pela soma de excitação interior que produz e, conseqüentemente, pelos efeitos patogênicos duradouros gerados na organização mental do indivíduo.
- O trauma psíquico fixa, por vezes, numa representação no campo pré-consciente, intensa quantidade de excitação, ou seja, de quantum de afeto, que ficará, constantemente, na lembrança do ego transformando-se novamente em afeto forçando-o a perlaborar.
- Muitas vezes, o fato traumático poderá ter sua representação recalçada, acrescentando com uma soma de excitação desagradável no sistema nervoso que exigirá tratamento para sua eliminação.

3.2 - OS TRAUMAS DE UMA MANEIRA GERAL

- Em termos econômicos, o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações excessivas em relação à tolerância psíquica e neurológica do sujeito e à sua capacidade de dominar racionalmente, ou seja, de elaborar/perlaborar estas excitações.
- A psicanálise definiu estes termos (em Freud, apenas encontramos trauma), transpondo para o plano psíquico as três significações que neles estavam implícitas:

1ª – Trauma Agudo: nesse caso foi produzido por um choque momentâneo e abrupto, violento (físico ou psíquico), que rompeu o limite do sistema nervoso em armazenar excitações.

Ex.: um acidente de carro, a morte inesperada de alguém, etc.

2ª – Trauma Crônico: produzido por um acúmulo de excitações reprimidas ou recalçadas ao longo de um tempo, que rompeu a capacidade do sistema neurológico em armazenar excitações.

Ex.: mágoas, culpas e ressentimentos não elaborados e que foram acumulados por anos.

3ª – Trauma como um gerador de patologias: nesse caso, o trauma produzirá consequências sobre o conjunto da organização psíquica e orgânica. Tanto agudo/abrupto quanto crônico.

Ex.: Doenças de origem psicossomáticas (conversões), neuroses (Estudaremos esse assunto futuramente).

- A noção de traumatismo, primeiramente, explícita como o desagradável é assimilado e acumulado no aparelho psíquico pelo indivíduo. Freud apontou, o trauma como uma concepção econômica, ou seja, energética.
- No trauma, o afluxo de excitações é excessivo, em relação à tolerância do aparelho neurológico e psíquico.
- Nos traumas, o princípio de constância energética procura manter, no aparelho psíquico, as excitações no menor nível possível, resistindo ao aumento de tensão intrapsíquica. Isso faz com que o aparelho psíquico busque o equilíbrio, a homeostase pela eliminação das excitações ou pela perlaboração do conflito, ou pelo princípio da inércia que procura fazer a descarga emocional de tudo aquilo que está sobrecarregando o sistema nervoso, visando proteger o aparelho psíquico (o choro, o grito, a ira etc.).
- O princípio da inércia pode ser posto em xeque, quando o indivíduo tiver dificuldade de eliminar rapidamente a excitação excedente pelo choro, pela raiva, pela agressividade etc.
- No tratamento, o psicanalista procurará interpretar os acontecimentos que produziram os traumas, fazendo o indivíduo perlaborar seus conflitos acumulados, mas muitas vezes será necessário produzir uma catarse/ab-reação (purgação) psíquica das experiências traumáticas, levando-o a chorar, para que seja eliminado a quantidade de excitação desagradável acumulada no sistema nervoso.
- É preciso enfatizar que esta concepção de apenas eliminar as excitações pela purgação passou, progressivamente, para segundo plano, pois há sempre, além da catarse, a necessidade do paciente perlaborar o conflito através da compreensão, entendendo os porquês e, desse modo, perdoar e se perdoar.
- Não se pode falar de acontecimentos traumáticos sem considerar a “susceptibilidade” própria do sujeito, ou seja, a sua capacidade neurológica, psíquica e orgânica de

suportar frustrações (excitações). Assim, o que facilmente pode traumatizar uma pessoa pode não traumatizar outra.

- As crianças possuem um limiar psicológico e neurológico mais baixo em relação aos conflitos e frustrações e poderão ser traumatizadas facilmente.
- Para que haja o traumatismo deve existir a impossibilidade do indivíduo, naquele dado momento, de eliminar a experiência penosa, permanecendo o afeto (o desagradável) no psiquismo, como um “corpo estranho”.
- Nos estudos sobre as neuroses que afetam o organismo (a histeria e a conversão) percebemos que o denominador comum é o fator econômico (nível de excitação investida), pois o traumatismo é produzido pela incapacidade do aparelho psíquico em eliminar as excitações, utilizando-se dos princípios:
 - ❖ De constância que caracteriza a resistência do neurônio ao aumento da excitação intrapsíquica. Isso será obtido principalmente pelo trabalho racional do ego, impedindo que a excitação aumente livremente (campo da elaboração/perlaboração), evitando o trauma;
 - ❖ Da inércia (ação da descarga emocional), que busca eliminar imediatamente a excitação decorrente de um trauma eventual (agudo), para fora das células nervosas, evitando a possibilidade de trauma. Ex.: choro, riso, grito.

3.3 - FALANDO ALGO MAIS SOBRE OS TRAUMAS CRÔNICOS: ACÚMULO DE EXCITAÇÕES ANTERIORES E GATILHO NO DESENVOLVIMENTO DE UM TRAUMA.

- Alguns traumas se instalam facilmente sem que acontecimentos graves possam justificá-los. Isso acontece pela existência de uma organização psíquica já debilitada, frágil emocionalmente, que não elabora e só acumula excitações que não compreende e não apresenta resistência à frustração, somando o quantum de afeto, que poderá produzir um trauma crônico.
- Nesse caso, se a complacência somática do paciente for aberta (permissividade de lançar para o corpo) essa energia poderá ser descarregada diretamente para o corpo (conversão), ou para o sistema nervoso central (histeria). Caso a complacência seja fechada a excitação será descarregada para o psíquico. (Estudaremos esse assunto mais adiante)

Resumindo as consequências de acúmulo de excitações num quadro de trauma crônico:

- ❖ Complacência somática aberta: doenças que atingirão o corpo rapidamente (conversões), tais como vitiligo, psoríase, perda da visão, da audição, da capacidade de andar etc. ou doenças que atingirão o sistema nervoso central/periférico, produzindo dor de cabeça intensa, anestésias e analgesias, tremores, choros etc.

Observação: a complacência somática é uma decorrência genética.

- ❖ Complacência média: doenças que atingirão o corpo lentamente (psicossomáticas), tais como diabetes tipo II, câncer, úlceras etc., podendo serem acompanhadas de

descargas que também atingirão o campo psíquico, produzindo neuroses (obsessivo-compulsivas, fóbicas etc.).

- ❖ Complacência somática fechada: nesse caso, a descarga do acúmulo de energia irá, predominantemente, para o psíquico, produzindo distúrbios emocionais, não influenciando necessariamente o organismo no seu sistema de defesa (imunológico).
- Muitas vezes, as doenças psíquicas ou orgânicas desenvolvem-se numa soma de dois fatores:
 - 1º fator** – pré-existência de um acúmulo de excitações decorrentes de representações reprimidas ou recalçadas carregadas de quantum de afeto: frustrações; mágoas; culpas; ódio etc.
 - 2º fator** – um novo evento psíquico desagradável que soma uma nova excitação, ao acúmulo anterior, produzindo o trauma, ou seja, o rompimento da capacidade do sistema nervoso em acumular energia.

Exemplo:

- ❖ Fatores Endógenos decorrentes de traumas Psíquicos acumulados por não terem sido perlaborados

- Na infância, uma menina de 12 anos foi tocada por um adulto e teve uma experiência sexual prazerosa egossintônica. Contudo sentiu-se constrangida de certa maneira e recalcou a partir daí, uma representação com acúmulo de excitação ligada ao seu desejo sexual de 70 U.E.E (Unidade de Energia Emocional).
- O gatilho posterior ligado à sexualidade: Aos 18 anos, esta mesma menina, ao ficar excitada por um estímulo sexual (ao beijar o namorado pela primeira vez, por exemplo), poderá agora sentir culpa ao associar o beijo à cena de sedução aos 12 anos, considerando-a agora inadequada, gerando uma soma de excitação desagradável de 60 U.E.E.

Total: $70 + 60 = 130$ U.E.E., considerando que o sistema nervoso dessa jovem tenha como limite máximo de acumulação energética 100 U.E.E poderá acontecer um trauma psíquico, já que a excitação ultrapassou o limite neurológico de acúmulo de excitação, sem oferecer risco ao neurônio (100 U.E.E.).

Obs.: Q é uma medida de energia usada em termodinâmica (física) que Freud adotou, contudo, em nosso curso optamos pela notação U.E.E. (unidade de energia emocional).

Note-se que, neste exemplo, o “traumatismo” é estabelecido por um acontecimento que surge a posteriori, ou seja, num segundo tempo. Esse acontecimento posterior não produziria o trauma sem o acúmulo, a soma de excitação anterior.

- A repetição dos sonhos, em que o sujeito lembra intensamente e repetidamente o acidente ou o fato desagradável, colocando-se constantemente naquela situação

traumática vivenciada, caracteriza um esforço do ego em tentar eliminar o acúmulo de excitação acumulada no sistema nervoso (inconsciente) ou reprimido (pré-consciente). Contudo, a referida repetição do sonho é sempre produzida pelo id, que impulsiona material recalçado para o ego resolver esse conflito, forçando-o a perlaborar e assim, drenar a excitação recalçada.

3.4 - RESUMINDO:

3.4.1 - Traumas Crônicos

- O trauma crônico será desenvolvido por acúmulo de energia desagradável investida ao longo de um extenso período de tempo (por anos).
Ex.: acúmulo ao longo dos anos de recalque de: mágoas, culpas, frustrações e excitação sexual não drenada pela ausência de orgasmo ou de vida sexual.
- Nos traumas crônicos, na acumulação de excitações desagradáveis ao longo de um tempo, cada uma destas excitações se sobreinvestem e se somam.
- No entanto, quando o ego acumula uma última excitação desagradável (quantum de afeto) que isoladamente não traumatizaria, mas que somada as anteriores que estão acumulados poderá desencadear um trauma.
- Esse último acontecimento desagradável não produziria necessariamente um trauma, pois por si só não excederia a capacidade de tolerância orgânica (sistema nervoso central) e psíquica do indivíduo.
- Grande parte da etiologia (origem) das neuroses se encontra nas experiências traumáticas crônicas, geradas ao longo do tempo, ou seja, o conflito psíquico constante produz um trauma por acumulação de quantum de afeto (mágoas + culpas + ódio + revoltas etc.).
- Assim, uma série de acontecimentos, onde cada um deles, isoladamente, não seria capaz de produzir um trauma, quando reunidos cronicamente, pela soma de excitação (adição), podem desencadear-lo.

Falando um pouco mais sobre os Traumas Agudos

3.5 - CHAMAMOS DE TRAUMATISMO AGUDO UMA VIVÊNCIA QUE, NO ESPAÇO DE POUCO TEMPO, TRAZ UM AUMENTO DE EXCITAÇÃO EXCESSIVO À NORMALIDADE DA VIDA PSÍQUICA.

- A liquidação dessa excitação ou a sua elaboração/perlaboração, pelos meios racionais normais e habituais fracassa, acarretando perturbações duradouras no funcionamento emocional do indivíduo.
Ex.: uma agressão, a perda de um ente amado, a perda de emprego, um acidente, etc.
- O traumatismo agudo, momentâneo e abrupto se qualifica, em primeiro lugar, num acontecimento pessoal desagradável da história do sujeito, datável e subjetivamente

importante, marcado por afetos (penosos) que podem desencadear uma patologia de origem traumática.

Ex.: Neurose de guerra, incapacidade de dormir, angústia excessiva etc.

É evidente que o acontecimento traumático agudo pode, pela sua “própria natureza ou situação”, excluir a possibilidade de uma rápida eliminação dessas excitações (ab-reação) pelo ego (exemplo: perda de um ser amado que parece ser insubstituível), mas além deste caso, outras circunstâncias específicas restringem a purgação ou a elaboração imediata do afeto, permitindo mais facilmente a produção de um trauma.

Exemplos de restrições que facilitam o trauma agudo:

1. Condições psicológicas especiais do indivíduo no momento do acontecimento traumático (agudo) e que impedem a ab-reação.

Ex.: o susto paralisante, o medo paralisante, o sono.

2. Circunstâncias sociais que impeçam o indivíduo de chorar, reagir, como por exemplo, as exigências do trabalho que está desempenhando e que não permitem uma eliminação adequada do nível de excitação acumulado pela raiva (agressividade) ou pelo choro, causando, deste modo, a retenção emocional do afeto.

Ex.: Numa festa de casamento um indivíduo sofre uma agressão verbal de alguém ou em uma reunião de trabalho seu chefe lhe chama atenção em público de maneira desrespeitosa e ele se vê sem condições de reagir emocionalmente como desejaria, acumulando o afeto.

- Nos traumas agudos concebe-se que se possa estabelecer um nível de gravidade ligado ao acontecimento que desenvolve a sua eficácia patogênica, na sua violência e no caráter repentino do seu aparecimento (acidente, por exemplo).

4 - CONCEITO DE A POSTERIORI - TRAUMA

4.1 - CONCEITUAÇÃO

- Termo frequentemente utilizado por Freud, com relação à sua concepção das causas psíquicas e das psicopatologias estarem, quase sempre inicialmente, ligadas a experiências sexuais infantis que foram, em sua grande maioria, prazerosas e só mais tarde, pela ação posterior da censura moral, decorrente do ideal de ego/superego, tornaram-se egodistônicas e acumuladoras de excitações desprazerosas (quantum de afeto), podendo produzir um trauma.
- Nos traumas a posteriori as experiências sexuais, traços mnésicos antigos ligados a acontecimentos prazerosos ocorridos na infância, são posteriormente entendidos em função da identificação com novas experiências semelhantes, agora consideradas inapropriadas pela ação da censura e devido ao novo grau de desenvolvimento dos valores (ideal de ego).

4.2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSTERIORI

- Não pretendemos propor aqui uma teoria do a posteriori, mas apenas sublinhar brevemente o seu sentido e o seu interesse quanto à concepção freudiana da temporalidade e da causalidade psíquica.
- Não podemos reduzir a história psicológica do sujeito a um determinismo rígido que considere unicamente a ação imutável do passado sobre o presente. Muitas vezes, censura-se a psicanálise por considerar o passado infantil de um indivíduo, como sendo o único responsável pelo conjunto das suas ações, dos conflitos e dos seus desejos presentes.
- Alguns analistas estariam ligando a um passado cada vez mais remoto os problemas atuais. Para eles, todo o destino do homem estaria decidido nos primeiros meses de vida, como também, desde a vida intrauterina.
- Contudo, isso não pode ser uma verdade absoluta, já que não podemos negar que existam influências do passado infantil presentes no adulto, mas também existem influências atuais que estabelecem conflitos e conseqüentemente traumas.
- Freud acentuou desde o início que o sujeito modifica sempre, a posteriori, o entendimento dos acontecimentos passados. Essa modificação de pensamento e de percepção de vida pode lhe conferir uma melhoria pela perlaboração ou uma piora psíquica pela ação da culpa.
- A perlaboração a posteriori de traumas passados poderá alterar os padrões rígidos de seu ideal de ego/superego, liberando o indivíduo da inflexibilidade dos processos educacionais.
- Em 1896, escreve a W. Fliess: "...estou trabalhando a hipótese de que o nosso mecanismo psíquico tenha se estabelecido por estratificação: os materiais presentes sob a forma de traços mnésicos sofrem de tempos em tempos, em função de novas condições perceptivas, uma reorganização, uma reinscrição" ou para melhor, ou para pior, alterando a realidade psíquica anterior do indivíduo, levando-o à cura ou a uma nova doença.
- Esta ideia de determinismo ligado ao passado poderia nos levar a pontos de vista, segundo os quais, todos os fenômenos que encontramos em psicanálise se situam sob o signo da retroatividade e mesmo da ilusão retroativa, o que não é uma verdade absoluta.
- É assim que Jung fala de fantasias retroativas. Segundo ele, o adulto reinterpreta o seu passado pelas suas fantasias atuais, que constituem a base dos seus problemas presentes.
- Nesta concepção conflitiva, a reinterpretação negativa e preconceituosa a posteriori do passado é, por muitas vezes, para determinados indivíduos, um meio de fugir das "exigências da realidade da vida presente", refugiando-se num passado imaginário, no qual ele se pune, vitimiza-se e adocece.

- Ao entendermos a concepção de “a posteriori”, constatamos que a consciência lembra de seu passado, remodela constantemente seu sentido, em função do seu “projeto” atual, dos seus novos aprendizados e vivências, atualizando e eliminando sempre seus conflitos anteriores.

4.3 - RESUMINDO O CONCEITO DE A POSTERIORI

- A concepção freudiana de “a posteriori” apresenta-se de forma muito mais definida. Poderíamos, ao que parece, agrupar assim o que a especifica:
 - ❖ Não é o que foi vivido, em geral, no passado que é remodelado a posteriori, mas sim aquilo que foi agradável e não censurado na época pela inexistência de uma censura (ideal de ego).
 - ❖ A lembrança dessas experiências é que produzem o trauma a posteriori, por se chocarem, agora no futuro, com o ideal de ego.
 - ❖ A remodelação na fase adulta, a posteriori, de algo agradável na infância e que, na época, não foi censurado é acelerada pelo aparecimento de novos acontecimentos que se assemelham às situações passadas.
 - ❖ Essa remodelação a posteriori acontecerá por uma maturação orgânica da sexualidade, que irá permitir ao ego o acesso a um novo tipo de significações e de entendimento das excitações sentidas anteriormente e a correspondente perlaboração das suas experiências passadas.
 - ❖ Como já falamos, a lembrança de fatos passados a posteriori, que se chocam com os valores atuais (ideal de ego) pode também produzir um processo de defesa ou um trauma, bem como a liberação de traumas infantis por uma nova forma de pensar sobre si mesmo. Nesse caso isso permitirá a reformulação de seus valores (ideal de ego).

4.4 - FALANDO ALGO MAIS SOBRE A POSTERIORI

- No “Projeto para uma psicologia científica, 1895”, Freud, quando estuda o recalque, pergunta: por que o recalque infantil incide preferencialmente sobre a sexualidade? Mostra com um exemplo, como o recalque ligado às vivências sexuais das crianças supõe dois acontecimentos nitidamente separados na série temporal.

O primeiro, no tempo, é geralmente constituído por uma experiência sexual egossintônica (prazerosa), mas que não tem, então, para a criança significado sexual, não ocorrendo o recalque da experiência sexual vivida.

O segundo momento, que é o conflitivo, acontece no futuro, quando uma nova vivência sexual apresentar certas analogias com o primeiro fato infantil, fator este que pode até ser superficial. O conflito acontecerá porque, nesse meio tempo, surgiu a puberdade e a estruturação sexual, bem como a introjeção de novos valores (ideal de ego). A emoção sexual vivida neste segundo momento ligará conscientemente a recordação do primeiro, produzindo o trauma a posteriori.

- O indivíduo poderá sentir esta nova experiência sexual como inadequada e assim senti-la desagradável, pelo choque com seus valores atuais, considerando a primeira experiência como imprópria. A partir daí o ego poderá elaborar, traumatizar ou utilizar o mecanismo do recalque como forma de proteger-se.
- Quando uma criança tem lembranças de vivências sexuais passadas só poderá compreendê-las corretamente com o aparecimento futuro da maturidade sexual (fase genital). Nesta perspectiva, só a segunda cena confere à primeira o seu valor patogênico ao recalcar-se uma recordação que só se tornou traumática a posteriori.

C – O DESENVOLVIMENTO DA ANGÚSTIA COM SUAS ORIGENS

1 - PREMISSA

- Em “Além do princípio do prazer, 1920”, Freud propõe a seguinte distinção: “Pavor, medo, angústia, são termos que não são sinônimos; a sua relação com o perigo permite realmente diferenciá-los” em suas origens.

2 - O QUE É ANGÚSTIA

- O termo ‘angústia’ designa um afeto caracterizado pela expectativa de algo ameaçador que pode vir acontecer, ou da vivência momentânea ou constante de uma situação desagradável, ou mesmo de uma clivagem.
- A angústia é o ponto de partida para o desenvolvimento das pulsões do id que induzem o ego a agir para a satisfação de uma necessidade, permitindo a preparação orgânica e psicológica para enfrentar o que está desequilibrando o indivíduo, ainda que esta ameaça seja desconhecida, ou seja, algo intrapsíquico.
- “A angústia é também a reação emocional decorrente do estado de desamparo em qualquer situação traumática e é reproduzida mais tarde nas novas situações de perigo, como sinal de alarme forçando o ego (o indivíduo) a se preparar racionalmente e emocionalmente para o que virá acontecer”.

3 - O QUE É O MEDO

- O termo ‘medo’ não supõe apenas uma ameaça ligada a um objeto presente, definido e que se teme, mas também pode ser decorrente do receio de encontrar certos objetos ameaçadores ou acontecimentos desagradáveis futuros, como também de estados ameaçadores internos, oriundos do conflito entre desejo e realidade (clivagem de ego). Todo medo é sempre angustiante.

4 - O QUE É PAVOR OU SUSTO

- Reação instintiva e abrupta de defesa decorrente de um estímulo externo intenso, instantâneo, altamente ameaçador que surpreendeu o ego sem ter sido previsto por ele e sem ser percebido anteriormente.
- No pavor ou susto o ego é surpreendido num tal estado de não preparação emocional e psíquica, que ele não é capaz de se proteger ou de dominar esses estímulos pelo campo racional.

Ex.: o barulho de uma explosão que produzirá um grito, ou uma expressão emocional intensa.

- No pavor ou susto não há previsão e nem percepção anterior do estímulo, impedindo a preparação racional para enfrentar o perigo. Neste sentido, Freud vê no pavor ou susto uma condição determinante da neurose traumática, que às vezes até é designada por neurose de pavor (Estudaremos esse assunto mais adiante).
- Portanto, não devemos nos espantar, ao vermos um paciente com um sintoma de pavor ao entrar num carro após um acidente, já que este estado de descontrole emocional desempenha um papel importante no seu quadro defensivo após o trauma.
- Nas primeiras elaborações teóricas de Breuer e Freud, o afeto decorrente de um estado psicológico de pavor é designado como uma condição que paralisa a vida psíquica e impede a ab-reação pelo choro, pelo grito (a purgação das emoções, excitações reprimidas/recalcadas).
- O pavor favorece a formação de um “grupo psíquico patogênico” que precisa ser eliminado pela catarse (expansão emocional que foi contida) e posterior perlaboração.

O terapeuta terá que ter muita calma e fazer o paciente usar o discernimento, o campo racional para eliminar os efeitos traumáticos que foram produzidos no acontecimento passado.

5 - O QUE É ANGÚSTIA AUTOMÁTICA

- Reação emocional paralisante decorrente da defesa instintiva (Ezão, reptiliano) que gerará grande tensão, sempre que o indivíduo se encontrar despreparado racionalmente para enfrentar uma situação ameaçadora que ele percebe e prevê que irá acontecer em seguida, quase que imediatamente.
- No momento da percepção do estímulo externo ameaçador, o ego será, pela falta de previsão e pelo despreparo racional, submetido a um afluxo de excitações desagradáveis irreversíveis, ficando geralmente desamparado.
- Na angústia automática, momentaneamente, o ego não tem capacidade de usar a razão, ou seja, de elaborar a ameaça que se aproxima. No fenômeno da angústia automática, a desarmonia psíquica deve ser considerada como um produto do estado momentâneo de despreparo do indivíduo.
- No caso da criança recém-nascida a angústia automática é decorrente de sua fragilidade biológica, e da ausência do ego para elaborar as situações desagradáveis imediatas e intensas (fome, sede, frio).
- A angústia automática é uma resposta instintiva, espontânea e irreprimível do organismo a uma situação ameaçadora que invade o ego num curto espaço de tempo.
- A ideia de angústia é muito antiga em Freud: nós a encontramos nos seus primeiros escritos, onde ele a define como, também, uma resultante de uma tensão libidinal, sexual acumulada e não descarregada.

Exemplo: você está numa rua escura com o carro enguiçado e percebe três indivíduos se aproximando sorratamente.

6 - O QUE É SINAL DE ANGÚSTIA

- A angústia automática opõe-se, para Freud, ao sinal de angústia, que é a preparação racional anterior para enfrentar o desagradável que irá acontecer num momento futuro.
- Desse modo, o sinal de angústia é o estado de desequilíbrio psíquico momentâneo que desencadeia o processo perlaborativo que preparará o indivíduo para enfrentar o desagradável que poderá vir acontecer ou não, num futuro previsível.

Resumindo:

- Podemos considerar que a expressão sinal de angústia foi introduzida por Freud para designar uma pressão emocional angustiante momentânea, desencadeada por algo desagradável que poderá acontecer num tempo futuro, que produzirá no presente uma ação racional perlaborativa de preparação para o enfrentamento da ameaça que virá.
- Nesse caso, a perlaboração estará apoiada no pensamento lógico e racional diante de uma situação de perigo futuro, que evitará que o indivíduo seja dominado emocionalmente pelas excitações desagradáveis que virão, já que ele, ao longo desse tempo, buscará recursos internos para enfrentar ameaça futura, dando respostas ou soluções adequadas ao nível de exigência do problema que se apresentará.
- O sinal de angústia reproduz, no corpo e no peito, uma tensão emocional desagradável como reação instintiva de defesa, mas isso traz à luz o aprendizado obtido em situações ameaçadoras, traumáticas anteriores, permitindo o desencadeamento das operações de defesa racional por parte do ego.
- Na explicação econômica que Freud apresentou inicialmente da angústia, ela foi considerada como um resultado, ou seja, consequência de uma quantidade de energia momentaneamente não dominada pelo uso racional, frente a uma situação desagradável temida que, provavelmente, irá acontecer ou mesmo imaginária, concebida de alguma forma como ameaçadora.
- Lembramos que a angústia é a reação orgânica imediata, instantânea decorrente do afeto não elaborado.
- Já a expressão sinal de angústia põe em evidência uma nova função da angústia, que faz dela um motivo para o desenvolvimento das defesas racionais do ego baseadas no anterior aprendizado de vida.
- O sinal de angústia e a angústia automática desencadeiam a sensação corporal (conversiva) no peito, frente ao desagradável com a liberação de excesso de hormônios no corpo (adrenalina, noradrenalina, cortisol) preparando o indivíduo para a defesa.

Exemplo de sinal de angústia: o seu diretor lhe informa que amanhã você terá que fazer uma palestra para o presidente da empresa ou você foi informado pelo seu advogado que amanhã você terá que participar de uma reunião com seu ex-cônjuge.

A partir dessas notícias você começará a usar a razão para se preparar para enfrentar os desafios que virão.

6.1 - CONCLUSÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO SINAL DE ANGÚSTIA

- O desencadeamento do sinal de angústia no corpo, não está somente subordinado a fatores econômicos, energéticos; pelo contrário, o sinal de angústia funciona como desencadeador de uma preparação racional do ego para enfrentar uma possível situação futura desagradável ou ameaçadora.
- A preparação racional desencadeada pelo sinal de angústia para o enfrentamento de algo desagradável poderá demorar mais ou menos tempo, em função da capacidade de elaboração/perlaboração do ego.
- O conceito freudiano de sinal de angústia está sempre ligado ao afeto reproduzido organicamente, sob a forma de sinal, que possivelmente já foi suportado passivamente no passado, sob a forma da chamada angústia automática, quando o sujeito se encontrava despreparado e foi dominado pelo afluxo das excitações ameaçadoras.
- Contudo este fato anterior gerou algum aprendizado ao ego, levando-o agora a não mais desenvolver a angústia automática, desencadeando o sinal, ou seja, fazendo-o mobilizar certa quantidade de energia de contrainvestimento frente ao desagradável, quer ele seja externo ou interno (pulsão do id).
- Freud liga o sinal de angústia ao ego. Esta função, agora descoberta, da angústia é assimilável àquilo que ele constantemente descreveu ao mostrar como o afeto (algo desagradável), repetido de forma atenuada, pode mobilizar equilibradamente a censura e o campo racional.

7 - O QUE É DESENVOLVIMENTO DE ANGÚSTIA (LIGADO AO AFETO)

- Expressão criada por Freud. O desenvolvimento de angústia é considerado como o estado psicológico predominantemente emocional e penoso, desagradável (afeto) no seu desenrolar ao longo de um tempo na vida de um indivíduo, caso ele não use a razão e perlabore e seja dominado pelo medo e pela incerteza.
- O desenvolvimento de angústia assume o seu sentido constante pela falta de perlaboração de uma situação ameaçadora, em que o desagradável não pode ser dominado a partir de uma situação de total despreparo (angústia automática), ou de um sinal de angústia destinado a evitar o aparecimento desta.
- Qualquer afeto não elaborado produzirá o desenvolvimento constante de angústia.
- Assim, o “desenvolvimento de um estado angustiante” exprime o processo de excitação desagradável contínuo que domina o ego por um determinado tempo, ligado ao afeto ainda não perlaborado, sendo uma distonia comum em todos os estados patológicos (neuroses, depressões, obsessões, psicoses etc.).

Exemplos:

- ❖ **De Angústia Automática:** ser surpreendido por uma conversa do chefe e perceber que será dispensado em seguida (sem ter esperado por isto).

- ❖ De **Pavor ou Sustos**: o indivíduo é surpreendido pelas costas com um grito ameaçador.
- ❖ De **Sinal de Angústia**: o indivíduo começa a se preparar para uma possível demissão coletiva que poderá acontecer nas próximas semanas.
- ❖ De **Desenvolvimento constante de Angústia**: refere-se ao intervalo de tempo em que o indivíduo ficou preso às sensações desagradáveis (afeto) acima mencionadas sem o uso da razão (perlaboração).

8 - RELACIONANDO A ANGÚSTIA COM O ATENDIMENTO EM CONSULTÓRIO

- Por vezes, na prática em consultório, o terapeuta menos avisado interpreta algo para o paciente sem que ele esteja preparado para ouvir e entender a origem de seus sintomas.
- Isso pode desencadear uma angústia automática e até o pânico.
- A boa prática clínica sugere que o terapeuta inicialmente explique os conceitos que podem estar associados à formação de sintomas do paciente.
- Ao entender as explicações (técnicas), lentamente ele irá associá-las à própria vida, despertando uma ação moderada de sua censura e defesa racional. Certamente sentirá o sinal de angústia, mas a partir daí, isso irá prepará-lo, sem traumas, para a perlaboração.
- Muitas vezes, o terapeuta faz pedidos para o paciente desenvolver em casa (técnicas ativas) alguns procedimentos e atitudes, principalmente para a melhoria da própria sexualidade, ou referente a outras questões que ele precisa começar a enfrentar de forma mais natural, o que poderá produzir inicialmente uma angústia automática, mas com a continuidade do enfrentamento, o sinal de angústia irá desencadear a perlaboração e a evolução comportamental que se pretende.

9 - O QUE É ESTADO DE DESAMPARO

- É o estado que produz o desenvolvimento da angústia.
- Termo da linguagem comum que assume um sentido específico na teoria freudiana.
- Estado característico do lactente que depende inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (de calor, sede, fome).
- O desamparo acontece, por ser o recém-nascido impotente para realizar as ações específicas e adequadas para pôr fim à tensão interna que o invade, decorrente das suas necessidades de autoconservação (fome, sede, frio, etc.).
- No adulto, o estado de desamparo físico, financeiro e afetivo é o estado de intensa insegurança emocional que favorecerá o desenvolvimento de uma situação traumática que será geradora de intensa angústia, decorrente do despreparo racional do indivíduo para enfrentar os desafios da vida de relação.
- Em alguns indivíduos o estado de desamparo também poderá estar intimamente ligado a uma baixa resistência às frustrações.

- O desamparo da criança poderá influenciar de forma decisiva a estruturação do psiquismo infantil e conseqüentemente do adulto, tornando-o inseguro e incapaz, fazendo-o viver inteiramente numa relação de dependência de outrem.
- O estado de desamparo infantil é muito encontrado na origem (na etiologia) dos traumas da criança, dos complexos de inferioridade, da timidez e dos processos de introversão.
- No quadro de uma teoria da angústia, o estado de desamparo torna-se o precursor e o facilitador da situação traumática futura.
- Freud reconhece uma característica comum de desamparo sentido pelo indivíduo por medo das perdas materiais ou afetivas, ou da perda daquilo que lhe dá segurança, ou seja, provisão para a vida.
- O estado de desamparo provoca um aumento progressivo da tensão emocional, a ponto de, num caso extremo, o sujeito se ver incapaz de dominar essas excitações sendo submergido por elas, levando-o a estados intensos de angústia ou neurose de angústia (síndrome do pânico). (Estudaremos esse assunto futuramente)
- Note-se, para finalizar, que Freud liga explicitamente o estado de desamparo do recém-nascido em comparação com a da maioria dos animais; o ser humano ao nascer está menos acabado do que a maioria dos animais quando é jogado no mundo.
- No ser humano, a influência do mundo exterior é importantíssima, e a formação do ego é necessária para que ele tenha capacidade de elaborar seus conflitos e de enfrentar racional e emocionalmente os desafios existenciais.
- As primeiras situações desagradáveis e de desamparo enfrentadas pela criança produzirão a necessidade de ser protegida e amada, pois se não forem atendidas criarão uma fixação emocional na busca constante de suprir-se narcisicamente de segurança e reconhecimento que nunca mais a abandonará, afetando negativamente sua autoestima.

10 - O QUE É SENTIMENTO DE INFERIORIDADE

- Qualquer sentimento de inferioridade é sempre decorrente da superioridade que o indivíduo pretendia ter e não conseguiu. Assim, a inferioridade é na realidade a ausência da superioridade esperada.
- Inicialmente, no estudo da psicanálise, Adler definiu como sendo um sentimento baseado numa inferioridade apenas orgânica, efetiva, real (um defeito físico).
- Para ele, no complexo de inferioridade, o indivíduo procuraria compensar, com maior ou menor êxito, a sua deficiência física frente aos outros, quer egocentricamente agredindo, defendendo-se, e até isolando-se ou lutando para superá-la, através do uso de um mecanismo de defesa chamado compensação. (Estudaremos esse assunto mais adiante)
- Já, segundo Freud, o sentimento de inferioridade não está unicamente relacionado com uma inferioridade orgânica (física).
- A inferioridade, para ele, deve ser compreendida e interpretada como um sentimento ligado a uma insegurança múltipla (psíquica + física) ou por vezes apenas psíquica.

- Os sentimentos de inferioridade produzirão a introjeção de uma autopercepção depreciativa e deficiente de si mesmo, frente à vida e aos outros, que caracterizarão a existência de um RAMEN (sigla psiquiátrica que significa “Registro Automático de Memória Emocional Negativa”) ou crença ruim. Ex.: sou feio, sou burro, não faço nada certo, os outros são melhores do que eu.
- A expressão “sentimento de inferioridade” tem, na literatura psicanalítica, uma ressonância “adleriana”.
- A Teoria de Adler tenta explicar as neuroses, as afecções mentais e, de um modo mais geral, as deficiências na formação da personalidade causadas por pensamentos autodepreciativos, decorrentes das inferioridades desenvolvidas na infância, por mínimas que possam ser, quer sejam morfológicas decorrentes de deficiências físicas ou funcionais, ou do funcionamento mental/cognitivo.
- Desse modo, para Adler, “os defeitos físicos geram manifestações psíquicas de menos valia na infância e conseqüentemente dão origem a um sentimento de inferioridade”.
- Por diversas vezes Freud mostrou o caráter parcial, insuficiente e pobre destas concepções de Adler: “Quer um homem seja um neurótico, ou um psicopata, ou um histérico que esteja sofrendo de angústia, em todos esses casos o adepto da psicologia individual de inspiração “adleriana” pretenderá que o motivo que determina o seu estado é o fato do indivíduo querer se fazer valer, querer super compensar a sua inferioridade física”, o que é um absurdo.
- Embora a teoria de Adler não seja aceitável do ponto de vista moderno, isso não implica, evidentemente, que a psicanálise recuse a importância ou a frequência do sentimento de inferioridade decorrentes dos aspectos físicos.
- Sobre a origem dos sentimentos de inferioridade, Freud, sem tratar da questão de forma sistemática, forneceu algumas indicações. Assim, para ele, o sentimento de inferioridade seria também decorrente de danos reais ou fantasísticos, que a criança ou sofreu ou imaginou sofrer: — pela perda de amor, pela perda de segurança e de reconhecimento dos parentais que cuidam, ou mesmo, pelo abandono dos pais e cuidadores.
- Para Freud, “uma criança sente-se inferior caso perceba, entenda ou acredite que é rejeitada e assim não é amada, podendo o mesmo acontecer com o indivíduo já adulto”.
- Estruturalmente, o sentimento de inferioridade de origem, unicamente psíquica, traduziria a tensão entre o ego e o superego que condena, impondo a culpa moral, autêntica, exigindo a perfeição moral idealizada (ideal de ego) ou é decorrente da frustração por não corresponder ao padrão estabelecido no seu ego ideal (ser bonito, inteligente, atleta etc.), que produz a culpa inautêntica.
- Esta explicação sublinha o parentesco e a ligação constante entre o sentimento de inferioridade, a rejeição, a frustração e o sentimento de culpa, mas torna-se difícil definir, delimitar qual deles é o que mais influência na produção da inferioridade.
- Após Freud, diversos autores têm tentado esta delimitação. D. Lagache acredita que o sentimento de culpa é especialmente decorrente da ação Superego — Ideal de Ego” e o sentimento de inferioridade, muito mais ligado às cobranças do Ego Ideal (manifestação

de vaidade, perfeição estética intelectual e física). Contudo a culpa agrava o sentimento de inferioridade.

- É importante também compreender a ligação dos sentimentos de inferioridade com o não atendimento das necessidades de segurança e de reconhecimento:
 - ❖ Ser protegido, cuidado (segurança).
 - ❖ Ser amado, ser valorizado, ser aceito (reconhecimento).

11 - COMPLEXO DE INFERIORIDADE

- Expressão que tem a sua origem na psicologia adleriana;
- Designa, de um modo geral, as atitudes decorrentes de um conjunto de representações psíquicas associadas e ligadas, que são expressões de um sentimento de incapacidade, de menos valia e de rejeição.

12 - SENTIMENTO DE CULPA

- A diferenciação do superego como instância crítica e punitiva para o ego introduz a culpa moral no seio do aparelho psíquico.
- Expressão utilizada, em psicanálise, numa acepção muito ampla. Pode designar um estado de afeto, angustiante, decorrente das recriminações e condenações internas (ação da censura/superego), frente a um ato que o sujeito considera repreensível (ideal de ego).
- O sentimento de culpa também pode apresentar-se como um sentimento difuso de indignidade pessoal, sem relação com um ato determinado de que o sujeito se acuse, mas como consequência da ação da censura ligada a pensamentos, fantasias e desejos não aceitos pelo superego/ideal de ego.
- O sentimento de culpa decorrente de uma ação tirana da censura/superego pode produzir nos sintomas neuróticos a manifestação de masoquismo, de autopunição, como também doenças de pele, dores no corpo, diabetes de fundo emocional, doenças autoimunes, fibromialgia etc. (Estudaremos esse assunto futuramente)
- O sentimento de culpa está na origem (etiologia) dos comportamentos neuróticos de fracasso, como também em algumas condutas delinquentes de autopunição (masoquistas) e sofrimentos que o indivíduo inflige a si mesmo por atos que não encontraram seu autoperdão, tais como dirigir perigosamente, fazer esportes altamente perigosos etc. (Estudaremos esse assunto futuramente)
- Inicialmente, o sentimento de culpa foi descoberto, sobretudo na neurose obsessiva, sob a forma das autorrecriminações das ideias obsedantes contra as quais o sujeito luta, porque elas lhe surgem como repreensíveis e, por fim, sob a forma da vergonha ligada à própria conduta anormal, decorrente destes sintomas (vozes que o acusam, pensamentos que o perseguem etc.).
- O sentimento de culpa é, muitas vezes, parcialmente inconsciente, quando a natureza real dos desejos em jogo (agressivos e particularmente sexuais) permanecem recalçados e não são conhecidos totalmente pelo sujeito, ou seja, estão inconscientes.

- O estudo psicanalítico da melancolia (depressão) estabeleceu uma concepção mais elaborada do sentimento de culpa. Sabe-se que esta afecção (depressão) apresenta frequentemente comportamentos de autoacusações, de autodepreciação ligadas as culpas autênticas e inautênticas, de tendências para a autopunição e que pode levar até ao suicídio.
- Freud mostra que em muitos estados depressivos existe uma verdadeira clivagem de ego (divisão) do ego, entre o sentimento punidor e sádico do acusador (o superego) e o sentimento de culpa do acusado (ego masoquista) decorrente da falta de perlaboração, permanecendo a influência simultânea desses dois sentimentos.
- Com efeito, a diferenciação do superego como instância crítica e punitiva para o ego introduz a culpa no seio do aparelho psíquico.
- “O sentimento de culpa inconsciente” é decorrente de uma operação de recalque que produzirá a ausência de culpa consciente, mas os sintomas decorrentes da culpa inconsciente seriam notados como distonias emocionais: angústia, tensões, insônia, alterações dos batimentos cardíacos (taquicardias) sem que o indivíduo saiba suas reais origens, já que esses desequilíbrios são decorrentes da ação da primeira censura do superego (mudinho), quando representantes psíquicos desejados mais temidos tentam retornar para o campo de consciência do ego.
- Em certos delinquentes existe um poderoso sentimento de culpa recalcado, forçando-o muitas vezes a buscar, de forma masoquista, realizar atos criminosos para que possa ser preso e assim receber uma punição externa.
- Ao ser punido com o cárcere sentirá um alívio psíquico ao ligar este sentimento inconsciente de culpa recalcado a algo real errado, cometido agora, como forma de autopunição.
- Semelhante à situação acima, muitas vezes, pessoas que buscam esportes ou situações perigosas tais como dirigir uma moto ou carro em alta velocidade estão recebendo por projeção inconsciente um impulso decorrente do sentimento de culpa recalcado. Por isso se expõem, a se autopunirem por um acidente.
- Por tudo que já estudamos podemos acrescentar que a culpa é função direta da censura moral virtuosa, após o ego ter optado a agir egocentricamente como um demo ao ser impulsionado pelo id (Eros ou Tanatos) para atender uma de suas necessidades:
 - ❖ Agredindo física ou psicologicamente o outro pela arrogância, pelo deboche, pela ironia, pelo desprezo, pela indiferença (ação de Tanatos).
 - ❖ Agindo com egoísmo, com orgulho pela prepotência, presunção (ação de Eros) etc.
- Indivíduos primitivos, ou seja, com nível de consciência, predominantemente não virtuosa ao agir como um demo, não desenvolvem sentimentos de culpa significativos, contudo como anjo, desenvolvem intensos sentimentos de frustração: mágoas, rancores, ódio etc.
- Existe o sentimento de culpa inautêntico que é produto da autopunição não moral, quando o ego sente-se frustrado consigo mesmo, por não ser aquilo que idealiza ser no ego ideal.

Exemplo: ser gordo, querendo se magro.

ESTUDO DIRIGIDO – CONFLITO PSÍQUICO E SUAS INTERFACES

1. QUAL A DIFERENÇA ENTRE EGO PRAZER E EGO REALIDADE?

R.: O Ego Prazer e o Ego Realidade não são duas formas radicalmente diferentes do Ego, mas sim dois modos de funcionamento psíquico do Ego. Enquanto a porção Prazer busca emocionalmente atender os desejos através das pulsões do Id e dos estímulos externos agradáveis, a porção Realidade é responsável pelo chamamento racional do ego para atender as restrições internas (morais) e externas (sociais), impostas pelo ideal de ego e pelo ego ideal.

2. SE NÃO EXISTISSE O EGO PRAZER TERÍAMOS SOCIEDADE E EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA?

R.: Não, porque a perda do prazer e o conflito impulsionam o homem a buscar e a encontrar formas de resgatá-lo e é isto que o movimenta o ser humano para a evolução e para o progresso científico e moral. Freud também dizia que sem prazer não sobrevivemos, mas que é necessário haver um equilíbrio, uma sustentação para este prazer, com base na realidade na qual nos inserimos e escolhemos para nortear nossas vidas.

3. QUAL A PRINCIPAL CARACTERÍSTICA PSICOLÓGICA DO EGO PRAZER E DO EGO REALIDADE?

R.: Ego Prazer é regido predominantemente pela emoção, pelo ego que sente, e o Ego Realidade predominantemente pela razão, pelo ego que avalia.

4. QUAL A RELAÇÃO DO EGO PRAZER COM A INTROJEÇÃO?

R.: O Ego Prazer gera identificação com o objeto que o estimula e permite a introjeção rápida de tudo aquilo que é agradável. Contudo rejeita, colocando para fora de si (projeção), tudo aquilo que for desagradável.

5. QUAL A RELAÇÃO DESEJÁVEL ENTRE EGO PRAZER E EGO REALIDADE?

R.: A relação harmoniosa do ego ao alinhar seus desejos à sua realidade psíquica (Ideal de Ego e Ego Ideal), lhe trará saúde psíquica e mental. Porém, a desarmonia entre prazer e realidade (clivagem do ego) poderá produzir doenças físicas e psíquicas (depressões, neuroses, psicoses etc.). Na linguagem da Individuação, esta desarmonia é resultado de uma falta de negociação do ego com seus valores egocêntricos e empáticos.

6. O QUE SE ENTENDE POR AFETO?

R.: Qualquer estado penoso, desagradável, constrangedor, angustiante decorrente de algo que aconteceu, atingindo o ego ou que poderá vir a ocorrer, ou seja, que o indivíduo teme e não quer que aconteça. O afeto também pode não ser especificado, ou seja, o indivíduo sente um estado de tristeza, de angústia sem saber o motivo que gerou esta desarmonia emocional. Neste caso, ele poderá estar sendo produzido pela ação inconsciente do superego (mudinho).

7. COMO EMOCIONALMENTE SE MANIFESTA O AFETO?

R.: Por um estado de angústia, de tensão emocional no ego.

8. CITE ALGUNS EXEMPLOS DE ESTADOS PSICOLÓGICOS QUE PRODUZIRÃO A FIXAÇÃO NUM AFETO?

R.: Mágoas, culpas, raiva de alguém, ciúme, sentimentos de inferioridade, frustrações.

9. O AFETO ELEVA OU ABAIXA A AUTOESTIMA DE UM INDIVÍDUO?

R.: Abaixa, pois constrange e elimina seu estado natural de onipotência.

10. O AFETO É SEMPRE PRODUZIDO POR UM ESTÍMULO (AGENTE) EXTERNO?

R.: Não. Pode ser produzido tanto pela ação da censura externa, como também pelo superego, ao censurar internamente o ego (culpas e distonias emocionais), por algo que ele deseja, mas não pode fazer, por ser incompatível com seu ideal de ego, ou pela lembrança de uma representação reprimida, ou recalçada.

11. AS FRUSTRAÇÕES QUE PRODUZEM AFETOS ESTÃO MAIS LIGADAS AO IDEAL DE EGO OU AO EGO IDEAL? E AS CULPAS?

R.: As frustrações que produzem mágoas, revoltas, inveja, insatisfações, sentimentos de fracasso ou de inferioridade estão mais ligadas às idealizações e às expectativas introjetadas na personalidade do indivíduo, ligadas à sua forma de se expressar e de se relacionar com o mundo externo e que não foram alcançadas ou realizadas por algum motivo (ego ideal). Já as culpas estão ligadas ao descumprimento dos padrões morais e de conduta introjetados como bons e adequados nas idealizações do caráter (ideal de ego).

12. O AFETO PODE SER SENTIDO POR UM INDIVÍDUO SEM SER ESPECÍFICO, OU SEJA, SEM UM MOTIVO IDENTIFICADO PELO EGO?

R.: Sim, quando ele for decorrente do retorno do quantum de afeto que estava reprimido no pré-consciente, ou recalçado no inconsciente, ou pela ação da censura inconsciente do superego (distonias emocionais).

13. O afeto, quando inespecífico, pode ter também sua origem na ação de contrainvestimento do ego que produzirá certa perda de energia para a manutenção do recalque fora do campo consciente. Este contrainvestimento visa evitar o retorno do recalçado, mas esta operação de defesa do ego rouba sua energia emocional, afetando negativamente sua autoestima.

PERGUNTA: COMO ISTO PODE SER EVITADO?

R.: Quando o ego passar a perlaborar o que aconteceu de desagradável ou que poderá vir a acontecer de constrangedor, evitando fugir do problema pelo uso do recalque.

14. Segundo Freud, tudo que atinge internamente o ego de forma indesejável se exprime em dois registros: 1º: No afeto gerado no campo consciente. 2º: Na representação gerada no pré-consciente ou no inconsciente.

PERGUNTA: O QUE SE ENTENDE POR REPRESENTAÇÃO?

R.: A representação é o traço mnésico do ocorrido, geralmente carregado pela qualidade e pela intensidade emocional daquilo que, de desagradável, atingiu o ego.

15. O AFETO É DURADOURO? JUSTIFIQUE?

R.: Não, porque ele fica emocionalmente gravado apenas no campo do ego (campo consciente), sendo compensado imediatamente por algo agradável que venha acontecer a posteriori, ou pela operação de recalque, através do contrainvestimento, ou mesmo quando o ego desinvestir, momentaneamente suas energias e atenção do conflito instalado.

16. O QUANTUM DE AFETO É DURADOURO? QUAL A SUA PRINCIPAL DIFERENÇA PARA O AFETO PROPRIAMENTE DITO?

R.: Qualquer coisa desagradável que o ego lembre e sinta, quer tenha acontecido no presente ou venha do passado é chamado de afeto (campo consciente/pré-consciente), contudo o registro do desagradável fora da memória consciente, ou seja, no campo inconsciente ou no pré-consciente chama-se quantum de afeto, e o seu retorno para o campo consciente pela lembrança do fato produzirá novamente um estado desagradável, de afeto.

17. Alguns dos sintomas neuróticos são decorrências do aumento de quantum de afeto no sistema neurológico. Economicamente, este acúmulo de excitação desagradável, por uma defesa da célula nervosa, é descarregado involuntariamente, evitando assim a sua morte.

PERGUNTA: QUAIS AS TRÊS POSSIBILIDADES DE LIBERAÇÃO DO QUANTUM DE AFETO DO SISTEMA NEURONIAL?

R.: 1ª: Descarga involuntária da energia desagradável para o corpo, através da complacência somática, contribuindo na produção de doenças físicas (conversão do quantum de afeto). Ex.: doenças de pele, cegueira conversiva, diabete etc.

2ª: Descarga involuntária do quantum de afeto para o próprio sistema nervoso (histeria), produzindo fortes descompensações emocionais. Ex.: gritos, surtos de raiva, tremedeiras, choro intenso etc.

3ª: Descarga involuntária do quantum de afeto sobre a psique, sobre o ego, contribuindo para o enfraquecimento do ego e assim para a produção das neuroses, exemplo: fóbicas, obsessivo-compulsivas etc.

18. EXISTE A POSSIBILIDADE DESTA ENERGIA DESAGRADÁVEL, QUE CONSTITUI O QUANTUM DE AFETO, SER DESLOCADA PARA DOIS OU TRÊS CAMINHOS SIMULTANEAMENTE?

R.: Sim, e quase sempre acontece isso porque nas neuroses, nas quais a predominância da descarga é sobre a psique, sobre o ego, ocorrem episódios de angústia que é sempre conversivo, ou seja, a descarga recai sobre o corpo, bem como fortes descompensações histéricas emocionais pelo choro, tremores etc. Da mesma forma, na síndrome do pânico, o paciente sentirá medo, sensação de morte iminente (psíquico), mas também sentirá angústia intensa (conversivo) e quase sempre será tomado por tremores musculares (histéricos).

19. O QUE ACONTECERÁ COM O EGO, QUANDO ELE CONSTANTEMENTE CONTRAINVESTIR ENERGETICAMENTE, EVITANDO QUE AS REPRESENTAÇÕES RECALCADAS E O QUANTUM DE AFETO RETORNEM PARA O CAMPO CONSCIENTE?

R.: O ego perderá energia emocional, afetando negativamente sua autoestima, podendo produzir tristeza, insônia, perdas da energia sexual etc., sem que ele saiba qual o real motivo específico que produziu este estado de menos valia.

20. UM INDIVÍDUO PODERÁ GERAR UM AFETO PELA FORMA ERRADA DE PENSAR, PERANTE A VIDA E A SI MESMO? DÊ EXEMPLOS?

R.: Sim, isto é denominado de RAMEN (Registro Automático de Memória Emocional Negativa). Ex.: sou feio, sou culpado, sou burro, ninguém me ama, sou infeliz, é difícil etc., produzindo angústia ligada aos complexos de inferioridade, de perseguição, de abandono, de fracasso etc.

21. EM PSICANÁLISE SE FALA MAIS EM REPRESENTAÇÃO, EM RELAÇÃO AS MEMÓRIAS EXCITADAS PELO DESAGRADÁVEL OU PELO AGRADÁVEL?

R.: Pelo desagradável, ou seja, pelo quantum de afeto, caso esteja reprimido no pré-consciente ou recalçado no inconsciente e pelo afeto no campo consciente.

22. O QUANTUM DE AFETO LIGADO A UMA REPRESENTAÇÃO INCONSCIENTE FICA ETERNAMENTE LIGADO A MEMÓRIA DO FATO GERADOR, OU EXISTE UMA INDEPENDÊNCIA EM RELAÇÃO A ESTA REPRESENTAÇÃO?

R.: Existe uma total independência do Quantum de Afeto em relação à Representação geradora do desagradável, ou seja, num conjunto de representações associadas, a energia desagradável não permanece ligada à representação original de forma imutável. O mecanismo das associações depende de fatores econômicos: a energia de investimento desagradável desloca-se de uma representação para outra, condensa-se nos pontos comuns a todas representações, chamando de ponto nodal e pode ser liberada independente das representações que a geraram, através das lembranças de outras, muitas vezes sem grande importância emocional. Exemplo: Ao falar de uma mágoa atual em relação à irmã, uma paciente pode descarregar o quantum de afeto ligado à mágoa do marido.

23. COMO PODEMOS ENTENDER A IMPORTÂNCIA DO TRATAMENTO PSICANALÍTICO?

R.: O tratamento psicanalítico pode ser entendido como o lugar em que os conflitos intrassubjetivos (internos), como também os traumas decorrentes das relações intersubjetivas (entre pessoas) na infância, na adolescência ou fase adulta, quer sejam reais ou não, vão de novo manifestar-se numa relação aberta à comunicação com o terapeuta. De modo mais geral, o tratamento psicanalítico estabelece uma relação de identificação do paciente com o terapeuta (campo transferencial) que vai encontrar ali ocasião para trazer ao consciente o material patogênico recalçado e assim possa ser perlaborado.

24. O QUE SE ENTENDE POR TRAUMA PSÍQUICO?

R.: Acontecimento da vida do indivíduo que se define pela sua intensidade emocional desagradável e pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada (racionalmente), liberando imediatamente a excitação ameaçadora ao seu equilíbrio psíquico.

25. O QUE UM TRAUMA PODE GERAR NUM INDIVÍDUO?

R.: Pode produzir transtornos e efeitos patogênicos duradouros na organização psíquica, gravando no inconsciente uma representação intensamente carregada de quantum de afeto (desagradável) ou o afeto no campo consciente, ou seja, a lembrança constante do desagradável.

26. PARA ONDE O NEURÔNIO PODE DRENAR A EXCITAÇÃO CONSTANTE DO TRAUMA, OU SEJA, O QUANTUM DE AFETO?

R.: Para o corpo, produzindo as neuroses conversivas que poderão gerar doenças físicas: doenças de pele, dores de cabeça, perda da fala, da visão etc.

- Para o sistema nervoso que poderá produzir as neuroses histéricas ou surtos histéricos que gerarão intensas desarmonias: choro, agressões, destruição de objetos, tremedeiras etc.
- Para o campo psíquico que poderá produzir uma neurose: fóbica, obsessiva, compulsiva etc.

27. COMO SE CLASSIFICAM OS TRAUMAS? DEFINA CADA UM DELES?

R.: Em agudos e crônicos:

- **Traumas Agudos** – Acontecimento inesperado de natureza grave, carregado de intensa energia desagradável, que rompe abruptamente a vida do indivíduo, sobrecarregando e ultrapassando o limite de armazenamento de excitações do seu sistema nervoso. **Ex.:** Agressões verbais, físicas, acidentes, estupros, assaltos etc.
- **Traumas Crônicos** – Somatório de pequenos acontecimentos desagradáveis ao longo de um tempo que não são perlaborados, ficando no campo consciente (no ego), ou recalçados pela fuga, ou pela repressão imposta ao indivíduo. Ao ser atingido o limite da capacidade econômica dos neurônios em armazenar estas excitações se produzirá o trauma. Esta soma de excitações desagradáveis romperá a vida normal do indivíduo, podendo colaborar para a produção de sintomas neuróticos. **Ex.:** Mágoas somadas a novas mágoas, somadas a novas culpas, somadas à raiva, agressividade recalçada, somadas a sentimento de rejeição, sentimentos de abandono, sentimentos de inferioridade etc.

28. QUAIS DOS DOIS TRAUMAS PRODUZIRÃO NEUROSES MAIS DIFÍCEIS DE SEREM CURADAS: OS AGUDOS OU OS CRÔNICOS?

R.: Depende da intensidade do trauma, contudo os traumas agudos são mais fáceis de serem perlaborados, pois o motivo desencadeador do sintoma é geralmente do conhecimento do indivíduo. Já nos traumas crônicos, o trabalho de defesa do ego pode impedir o livre acesso ao material recalçado que está acumulado, ao longo de anos, no inconsciente, tornando-se patogênico, sendo, muitas vezes, muito mais difíceis de serem eliminados.

29. EM TODAS AS NEUROSES HAVERÁ SEMPRE UMA INFLUÊNCIA DE UM TRAUMA PRODUZIDO POR UM ACÚMULO DO DESAGRADÁVEL (QUANTUM DE AFETO)?

R.: Sim, sempre. Principalmente dos traumas crônicos (soma de frustrações: mágoas, culpas etc.).

- Em termos econômicos, o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações excessivas em relação à tolerância psíquica e neurológica do sujeito e à sua capacidade de dominar, de elaborar ou sublimar psiquicamente estas excitações.
- A psicanálise retomou estes termos referentes a traumas agudos e crônicos (em Freud apenas encontramos trauma), transpondo para o plano psíquico as três significações que neles estavam implicadas: choque violento (agudo), rompimento produzido por acúmulo de excitações recalçadas ao longo do tempo (crônico) e consequências sobre a organização psíquico-orgânica.

30. RESUMINDO-SE: COMO SE PRODUZ O TRAUMA?

R.: Pela incapacidade do indivíduo eliminar a excitação que lhe invade pela elaboração, pelo uso do seu campo racional.

- *“Chamamos assim, de trauma, a uma vivência desagradável que, num espaço de tempo, traz tal aumento de excitação à vida psíquica do indivíduo, quando a sua liquidação ou a sua elaboração pelos meios normais e habituais fracassa, acarretando perturbações duradouras no seu funcionamento psíquico”.*
- O trauma caracteriza o afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do aparelho psíquico, quer se trate de um só acontecimento muito violento (emoção forte), ou de um acúmulo de excitações ao longo de um tempo; cada uma das quais, tomada isoladamente, seria tolerável pelo indivíduo. No trauma o Princípio de Constância

(resistência do neurônio ao aumento de excitação pelo trabalho no campo racional do ego) e da Inércia (capacidade do neurônio drenar, emocionalmente, as excitações que se acumulam) começa a ser posto em xeque, pois o aparelho psíquico, muitas vezes, não é capaz de descarregar a excitação excedente e ameaçadora.

31. TODOS OS INDIVÍDUOS REAGEM DA MESMA MANEIRA PERANTE AS SITUAÇÕES DESAGRADÁVEIS, PRODUZINDO OS MESMOS TRAUMAS?

R.: Não, cada um reagirá perante o desagradável de forma diferente, ou seja, o traumatismo se qualifica em primeiro lugar por um acúmulo de acontecimentos desagradáveis na história de cada indivíduo, subjetivamente diferente de um para outro. Não se pode falar de acontecimentos traumáticos de maneira absoluta, sem considerar a “susceptibilidade” própria do indivíduo, ou seja, a sua capacidade neurológica, psíquica e orgânica de suportar frustrações (excitações), e o seu histórico de quantuns de afeto já acumulados.

32. RESUMINDO: O QUE DEVERÁ OCORRER PARA QUE SE CARACTERIZE E OCORRA UM TRAUMA?

R.: Para que haja o traumatismo em sentido restrito deve existir a impossibilidade do indivíduo elaborar e realizar a ab-reação (catarse, liberação emocional do desagradável) da experiência penosa, permanecendo o afeto no psiquismo como um “corpo estranho”. É evidente que o acontecimento pode, pela sua “própria natureza”, excluir uma ab-reação completa e total (perda de um ser amado que parece insubstituível, por exemplo), mas sempre exigirá a perlaboração futura dos fatos desagradáveis.

33. QUE OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS IMPEDEM UM INDIVÍDUO DE PERLABORAR E DE AB-REAGIR ESPONTANEAMENTE E QUE PODERÃO FACILITAR A PRODUÇÃO DE UM TRAUMA?

R.: Circunstâncias específicas garantem ao acontecimento o seu valor traumático, ou seja, são condições psicológicas especiais em que se encontra o sujeito no momento do acontecimento que impedem a ab-reação, tais como o estado sonambúlico ou hipnótico; circunstâncias sociais que limitem o choro do indivíduo, sua reação emocional; exigências do trabalho que ele está desempenhando que não permitem uma reação adequada de suas insatisfações (retenção emocional do afeto) e, por fim, sobretudo segundo Freud, o conflito psíquico progressivo e acumulado que impede o sujeito de integrar na sua realidade consciente a experiência desagradável que lhe ocorre naquele momento. Breuer e Freud notaram ainda que toda uma série de acontecimentos, cada um dos quais por si, não produziriam um traumatismo, podem somar os seus efeitos (adição), produzindo-o.

34. O Trauma é sempre mais grave numa organização psíquica frágil emocionalmente, que não perlabora e não apresenta resistência às frustrações. Há uma íntima relação entre trauma e defesa, ou seja, se o indivíduo usar as defesas normais, racionais, elaborativas, o trauma dificilmente se estabelecerá.

PERGUNTA: QUAL MECANISMO DE DEFESA DO EGO QUE, AO SER MAL UTILIZADO, FACILITARÁ A INSTALAÇÃO DE UM TRAUMA?

R.: Se o indivíduo usar constantemente e intensamente do mecanismo de recalque que caracteriza uma defesa emergencial frente às situações desagradáveis ele fatalmente produzirá, ao longo de um tempo, um trauma, pois acumulará no inconsciente, um nível intenso de quantum de afeto.

35. POR QUE AO SOFRER UM ACIDENTE UM INDIVÍDUO PODE MANTER A REPETIÇÃO DE SONHOS, EM QUE ELE REVIVE INTENSAMENTE OS MOMENTOS TRAUMÁTICOS (DESAGRADÁVEIS)?

R.: A repetição dos sonhos em que o sujeito revive intensamente o acidente e se recoloca na situação traumática é produzida pelo id e recebe o nome de compulsão à repetição. Esta repetição dos sonhos que lembram o trauma permite ao ego perlaborar e assim drenar a excitação recalçada.

De modo mais geral, o conjunto dos fenômenos clínicos em que Freud vê atuar esta compulsão põe em evidência o fato de que a homeostase psíquica ligada ao princípio de prazer exige que o ego perlabore seus conflitos, condição racional esta que o traumatismo vem abolir, na medida em que ameaça a integridade psíquica do sujeito.

36. Resumindo: Sabemos que os traumas são produzidos economicamente (energeticamente) por uma incapacidade do neurônio em eliminar as excitações que lhe invadem.

PERGUNTA: QUAL A IMPORTÂNCIA DOS PRINCÍPIOS DA CONSTÂNCIA E DA INÉRCIA QUE REGULAM AS EXCITAÇÕES NEURONIAIS?

R.: O princípio da constância psíquica impede que a excitação aumente livremente (campo da razão), e o da inércia (ação emocional) busca descarregar a excitação excedente para fora das células nervosas. Deste modo são ambos importantes para que não ocorram traumas.

37. O QUE É UM TRAUMA SEXUAL A “POSTERIORI”? CITE ALGUNS EXEMPLOS DE CONSEQUÊNCIAS GERADAS.

R.: O traumatismo sexual infantil vê a sua ação decomposta em vários elementos e supõem sempre a existência de, pelo menos, dois acontecimentos:

Numa primeira cena, chamada de sedução, a criança sofre uma tentativa sexual por parte do adulto, sem que esta sedução ou abuso dê origem a qualquer excitação sexual desagradável, geralmente produzindo uma excitação agradável (egossintônica) para ela.

Uma segunda cena, numa fase posterior (na adolescência ou na vida adulta), muitas vezes uma outra vivência aparentemente sem importância e ocorrida depois da puberdade vem evocar a posteriori a primeira, por qualquer traço associativo, e assim desencadeia o trauma pela série complementar, passado + presente, na qual o indivíduo sentirá a culpa pela primeira experiência que foi (egossintônica), prazerosa para ela. É a lembrança da primeira cena que desencadeia um afluxo de excitações sexuais que excede as defesas do ego.

Embora Freud chame traumática a primeira cena, vemos que, do ponto de vista econômico, só a posteriori esse valor lhe é conferido; ou seja: só quando ocorre a lembrança da primeira cena é que a associação com a atual se torna patogênica, na medida em que provoca um afluxo de excitação interna reprovável aos padrões do ideal de ego, exigindo a ação do superego. Tal teoria confere o seu pleno sentido à famosa fórmula dos “Estudos sobre a histeria”: “... os histéricos sofrem, sobretudo, de reminiscências sexuais não elaboradas na infância, que se associam, a posteriori, com novos recalques de natureza semelhante.”

Exemplos: vaginismo (dor intensa na penetração do pênis), estase de libido (perda do desejo sexual).

38. O TRAUMATISMO QUE PRODUZIRÁ UMA NEUROSE NA FASE ADULTA PODERÁ ENCONTRAR COMO PREDISPOSIÇÃO UMA BASE DE FATORES ENDÓGENOS/ORGÂNICOS ASSOCIADOS, FATORES ANTIGOS (TRAUMAS PSÍQUICOS ANTERIORES), BEM COMO UM GATILHO (ATUAL) NUMA SÉRIE COMPLEMENTAR NA BASE 100. DÊ UM EXEMPLO?

R.: Fatores Endógenos/Excitações Anteriores: na infância, a sedução produziu uma representação com uma excitação de 80 U.E.E que não foi elaborada por não ter sido ameaçadora.

Gatilho: na fase adulta, ao ficar excitada por um estímulo sexual sentirá culpa caso se lembre da sedução infantil – 25 U.E.E.

Total: 105 U.E.E – trauma, supondo que o limite neurológico deste indivíduo de excitação desagradável seja – 100 U.E.E.

Note-se que neste exemplo, o “traumatismo” designa um acontecimento que surge num segundo tempo, e não nas experiências infantis. Se a sedução tivesse sido percebida como egodistônica, ou seja, desprazerosa (machucou, causou sofrimento), o trauma teria ocorrido no ato e não a posteriori.

Obs.: U.E.E – Unidade de Energia Emocional.

39. O QUE SE ENTENDE POR CONFLITO PSÍQUICO?

R.: Em psicanálise fala-se de conflito quando, no sujeito, opõem-se as exigências internas contrárias aos desejos oriundos do id, ou contrárias à estimulação externa em função dos seus valores (ideal de ego) ou quando o indivíduo não tem atendida uma necessidade (fisiológica, de segurança, de reconhecimento ou de autorrealização do self). O conflito pode ser manifesto (entre um desejo e uma exigência moral, por exemplo, ou entre dois sentimentos contraditórios: amor e ódio), podendo exprimir-se de forma deformada pela condensação no relato manifesto do sonho, ou pela deformação da defesa que produzirá um sintoma; e traduzir-se particularmente e neuroticamente pelas desordens do comportamento normal.

40. O QUE SE ENTENDE POR FRUSTRAÇÃO?

R.: Condição do sujeito a quem é recusada ou que recusa a si mesmo, a satisfação de uma necessidade decorrente da exigência pulsional. A ciência biológica contemporânea, especialmente nos estudos sobre a aprendizagem, tende a emparelhar a frustração com a gratificação, e a defini-las como condição de um organismo submetido, respectivamente, à ausência ou à presença de um estímulo agradável. Tal concepção pode aproximar-se de certas ideias de Freud, particularmente daquelas em que ele aparece assimilar a frustração à ausência de um objeto externo suscetível de satisfazer a necessidade decorrente da pulsão que invade o ego.

41. A psicanálise considera o conflito como algo constitutivo e normal da natureza humana em função das necessidades de cada indivíduo, da realidade psíquica vivida, por ele, em sociedade e a rigidez da introjeção dos padrões do ideal de ego/ego ideal, que se chocam com seus desejos, suas tendências e obrigam ação da censura do superego. As defesas do ego agem para evitar a instalação do conflito, contudo, conflito instalado significa desarmonia psíquica e probabilidade do desenvolvimento das neuroses.

CITE ALGUNS CONFLITOS NATURAIS DE TODO SER HUMANO?

Resposta:

Conflito entre o Desejo e a Defesa/Censura: Poderá produzir culpa e distonias emocionais (angústia, insônia, tristeza), como também poderá produzir recalques e contra investimentos, para evitar o retorno do recalçado, com a infiltração do desejo e das tendências primitivas (agressividade, homossexualidade, incesto, poligamia) e também poderá produzir todos os sintomas neuróticos, pela ação deformadora do superego (fobias, obsessões, compulsões etc.). (Estudaremos este assunto mais tarde)

Conflito entre o Sistema Consciente e o Inconsciente: Toda energia que é oriunda do inconsciente (id) flui livremente em direção ao campo consciente, qualificando-se nas tendências e nas representações recalçadas, produzindo os representantes psíquico sem nenhuma censura com o objetivo de pressionar o ego a agir para o reencontro do equilíbrio perdido (busca da homeostase). Estas lembranças ao se aproximarem do campo consciente poderão sofrer a ação da censura e da defesa do ego em função das restrições morais que são impostas pelo ideal de ego, gerando uma resistência ao seu livre deslocamento no campo do ego.

Conflito no Sonho Manifesto: Gerado pela defesa que faz a partir da associação das representações a sua condensação, produzindo a deformação do seu significado real (latente).

Conflito entre Instâncias, Estruturas: Conflito entre o id, o ego e o superego, ou seja, o que é agradável para o id pode ser para o ego, mas não ser para o superego.

Conflito entre as Pulsões: Conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego, ou de sobrevivência, principalmente no ato de mamar (sobrevivência + prazer).

Frustrações: Conflito entre expectativas, realidade vivida externamente e realidade psíquica (interna), ou seja, ego prazer x ego realidade.

42. QUAL DOS DOIS ESTADOS PSICOLÓGICOS PRODUZ A FRUSTRAÇÃO: O EMPÁTICO OU O EGOCÊNTRICO? JUSTIFIQUE?

R.: O egocêntrico, pois é este estado que desenvolve no ego a capacidade de investir nos objetos: seu tempo, recursos materiais e afetivos, com a expectativa de receber, principalmente, segurança e reconhecimento para se sentir feliz, colocando a felicidade fora de si mesmo, através das pessoas, coisas e sistemas.

43. PODEMOS DIZER QUE UM INDIVÍDUO COM MÁGOAS, COM RAIVA ESTÁ FIXADO A UM ESTADO DE FRUSTRAÇÃO? E COM CULPA CONSTANTE ESTÁ FIXADO EM QUE?

R.: Sim, a mágoa e a raiva caracterizam a fixado em uma frustração, já a culpa não é decorrente de uma frustração, mas sim decorrente da fixação do ego em um conflito interno, moral, ligado a uma atitude do ego contrária ao ideal de ego, que não encontrou seu autoperdão.

44. NO PROCESSO DEFENSIVO INTERNO (INTRAPSÍQUICO) QUAIS SÃO OS DOIS POLOS PRINCIPAIS DO CONFLITO?

R.: O ego realidade x o ego prazer, decorrente da pulsão do id (os desejos).

45. QUAL A REGIÃO DA PERSONALIDADE, OU SEJA, QUAL ESTRUTURA DO APARELHO PSÍQUICO BUSCA PROTEGER-SE DE QUALQUER AMEAÇA OU PERTURBAÇÃO?

R.: O ego.

46. QUANDO O QUANTUM DE AFETO SE TORNA NOVAMENTE NUM NOVO AFETO?

R.: Quando, estando no campo pré-consciente, possibilitar ao ego se lembrar do desagradável. Estando no inconsciente, o representante psíquico, uma versão oriunda da representação recalçada no inconsciente poderá retornar pela pulsão e se qualificar nas memórias pré-conscientes. Neste momento os sentimentos, as emoções, os desejos recalçados no inconsciente etc., serão decodificados pelas memórias contidas no pré-consciente, tornando-se novamente um afeto (algo desagradável).

Nestes momentos é que ocorrerá novamente o choro, a raiva, a mágoa etc.

47. NO DESENVOLVIMENTO DE UMA ATIVIDADE DE AUTOPUNIÇÃO QUAL É A CARACTERÍSTICA DO SUPEREGO E DO EGO?

R.: Numa perspectiva tópica, Freud explica os comportamentos autopunitivos pela tensão entre um superego particularmente exigente e tirano e um ego masoquista (cheio de culpa).

48. PODEMOS FALAR EM SENTIMENTO DE CULPA INCONSCIENTE? JUSTIFIQUE?

R.: Podemos falar em culpa recalçada, mas não de sentimento de culpa inconsciente, pois sentimento é uma mistura de razão+emoção que é característica do campo consciente.

Freud faz reservas a respeito da expressão *sentimento de culpa inconsciente*. Neste sentido, a expressão “necessidade de punição inconsciente” parece-lhe mais apropriada.

49. O QUE DIFERE UM TRAUMATISMO DE OUTRO, EM TERMOS DE PREPARAÇÃO RACIONAL DO EGO PARA ENFRENTAR O DESAGRADÁVEL?

R.: Freud ressalta a importância da preparação racional e emocional do ego para enfrentar um perigo, limitando ou evitando o traumatismo, pela maior capacidade elaborativa (eliminando-se o fator surpresa, preparando o indivíduo para que se acostume com estes conflitos). Como exemplo, citamos o indivíduo que tem medo do escuro e terapeuticamente foi preso numa sala escura e, com o tempo, aprende a não mais se sentir traumatizado naquela situação, pois foi aprendendo a lidar racionalmente com ela. O que difere um traumatismo intenso de outro não intenso seria a diferença entre um ego com seus sistemas racionais e emocionais não preparados para enfrentar um afeto, para um ego com seus sistemas perceptivos preparados por estímulos que desenvolveram um *preparo contínuo para enfrentar o afeto*, dando oportunidade ao ego de perlaborar (defesa normal).

50. RECAPITULANDO: COMO SE PRODUZIRIA UM TRAUMA A POSTERIORI?

R.: Esta teoria supõe que o trauma sexual (muitas vezes) se produz em dois **tempos**, separados um do outro pela puberdade. **O primeiro tempo**, o da sedução da criança por um adulto, é caracterizado como acontecimento “pré-sexual”: um assédio sexual cometido por um adulto, atingindo a criança ainda incapaz de lidar com as excitações sexuais (ausência das condições somáticas da excitação, impossibilidade de integrar a experiência nos genitais). A cena infantil, no momento em que se produz, não é objeto de trauma ou de recalque, até pela inexistência da censura. Só **no segundo tempo**, na fase genital acontecerá o trauma ou recalque (a posteriori), decorrente de novo acontecimento, que não implica necessariamente um significado sexual, mas que vem evocar por alguns traços associativos a lembrança do acontecimento infantil, levando o indivíduo a sentir culpa.

51. O QUE SIGNIFICA O TERMO A POSTERIORI EM PSICANÁLISE?

R.: Termo utilizado por Freud com relação à sua concepção da temporalidade e da causalidade psíquicas. Há experiências, impressões, traços mnésicos antigos que são

posteriormente remodelados em função de novas experiências ou aprendizados ou de outro grau de desenvolvimento dos valores (ideal de ego). Podemos dar a posteriori, uma nova interpretação às experiências passadas, produzindo traumas ou libertando o ego pela flexibilização do ideal de ego.

52. POR QUE GERALMENTE A CRIANÇA SOFRE PASSIVAMENTE A SEDUÇÃO?

R.: Dizer que a cena de sedução é vivida passivamente não significa apenas que a criança tem um comportamento passivo nessa cena, mas ainda que, muitas vezes, ela a suporta sem que a sedução faça eco nas suas estruturas sexuais. O estado de passividade é correlativo de sua não preparação para o ato sexual. A sedução pode produzir “pavor sexual”, que poderá traumatizar e afetar a vida sexual do futuro adulto. Lembramos que se a sedução não foi egossintônica, o trauma se estabelece de imediato, causando sofrimento desde o início e não apenas a posteriori.

53. OS CONFLITOS PASSADOS SÃO IMUTÁVEIS OU ELES PODEM SE ATUALIZAR A POSTERIORI, NO PRESENTE, SEGUNDO A EVOLUÇÃO DO CARÁTER (IDEAL DE EGO) E DA PERSONALIDADE (EGO IDEAL)?

R.: Podem se atualizar integralmente a Posteriori, segundo a nova realidade psíquica do indivíduo, como também podem ficar recalçados e defendidos, contudo mesmo nestes casos gerarão influência nas vivências atuais do indivíduo.

54. NUM INDIVÍDUO A ESTRUTURA DO IDEAL DE EGO E DO EGO IDEAL PODEM SER ALTERADAS A POSTERIORI, MODIFICANDO A RIGIDEZ DE SUA FORMAÇÃO NA INFÂNCIA?

R.: Sim, Freud acentuou desde o início que o sujeito modifica a posteriori o entendimento dos acontecimentos passados e que essa modificação pode lhe conferir um sentido e mesmo uma eficácia ou um poder patogênico, como também alterar e eliminar a estrutura do recalque, flexibilizando o ideal de ego, liberando o indivíduo da rigidez dos processos educacionais. Em 6-12-1896, escreve a W. Fliess: “... estou trabalhando a hipótese de que o nosso mecanismo psíquico se tenha estabelecido por estratificação: os materiais presentes sob a forma de traços mnésicos sofrem de tempos em tempos, em função de novas condições, uma reorganização, uma reinscrição”, ou para melhor ou para pior, alterando a realidade psíquica anterior do indivíduo. Podemos dizer que toda a estrutura psíquica atual de um indivíduo está sob a influência de uma retroatividade de suas vivências.

55. UMA EXPERIÊNCIA SEXUAL DA INFÂNCIA PODE SE TORNAR EGODISTÔNICA (DESPRAZEROSA) “A POSTERIORI”. POR QUÊ?

R.: Sim, porque não é o que foi vivido em geral que é remodelado a posteriori, mas antes o que, no momento em que foi vivido, não foi restringido, por falta de censura ou de maturidade sexual. A lembrança a posteriori dessa vivência infantil é o que produzirá o trauma, pela ação da culpa.

56. O QUE NUM INDIVÍDUO ACELERA A REMODELAÇÃO A POSTERIORI DE FATOS, VIVÊNCIAS, TRAUMAS, VALORES ANTIGOS? QUAIS AS PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS?

R.: A remodelação a Posteriori de um acontecimento infantil será acelerada pelo aparecimento atual de novas situações semelhantes, como também pela maturidade orgânica (sexual) e pela ação de seu caráter (ideal de ego).

Nesta remodelação o indivíduo percebe as situações passadas com uma nova percepção do fato ocorrido, podendo:

- Produzir-se uma defesa e um recalçamento (rigidez do atual estágio de seu ideal de ego).
- Um trauma (rigidez do ideal de ego).
- A liberação de um possível trauma infantil pela perlaboração.

- A liberação de um possível quantum de afeto pela ab-reação.

57. O QUE SE ENTENDE POR PAVOR OU SUSTO?

R.: Reação a uma situação abrupta de perigo ou a estímulos externos muito intensos que **surpreendem** o sujeito sem que ele perceba anteriormente o que irá acontecer. No pavor ou susto o ego é surpreendido num estado de não preparação (emocional), em que ele não é capaz de se proteger ou de eliminá-los pelo uso adequado da razão.

58. QUAL A DIFERENÇA ENTRE PAVOR, MEDO, ANGÚSTIA?

R.: Freud propõe a seguinte distinção: “Pavor, medo, angústia, são termos que é errado empregar como sinônimos; a sua relação com o perigo permite realmente diferenciá-los: a) o termo ‘angústia’ designa uma reação orgânica frente uma ameaça qualquer, real ou psíquica; b) o termo ‘medo’ supõe um objeto definido e que se teme e c) quanto ao termo ‘pavor ou susto’, designa o estado que surge quando o indivíduo se encontra numa situação perigosa sem que perceba anteriormente e esteja preparado racionalmente para ela, acentuando-se o fator surpresa”.

Entre pavor e angústia, a diferença está no fato de o primeiro se caracterizar pela não preparação para o perigo, enquanto “... na angústia há algum preparo racional que protege o indivíduo contra o pavor”. Neste sentido que Freud vê no pavor ou susto uma condição determinante da neurose traumática, que às vezes até é designada por neurose de pavor.

A oposição que Freud tentara estabelecer entre os termos angústia e pavor vai ser reencontrado, mas sob a forma de diferenciações dentro da noção de angústia, notadamente na oposição entre uma angústia que surge “automaticamente” numa situação traumática e o sinal de angústia que implica no desenvolvimento do pensamento, do uso da razão que protege o indivíduo contra o desenvolvimento da angústia futura: “A angústia é a reação decorrente do estado de desamparo no momento desagradável e é reproduzida mais tarde nas situações de perigo como sinal de alarme, para que o ego se prepare racionalmente para enfrentar o desagradável”.

59. O QUE SE ENTENDE POR SINAL DE ANGÚSTIA?

R.: Expressão introduzida por Freud para designar um dispositivo racional que o ego põe em ação diante de uma situação de perigo futura, para evitar que ele seja dominado pelas excitações desagradáveis. O Sinal de Angústia reproduz de forma atenuada a reação de angústia vivida primitivamente numa situação traumática anterior, o que permite o ego desencadear operações de defesa através do uso da razão.

60. QUAL A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE PAVOR NUMA SITUAÇÃO DESAGRADÁVEL QUE PODE SE TORNAR TRAUMÁTICA?

R.: Não devemos nos espantar, portanto, ao vermos a noção de pavor desempenhar um papel importante desde o período em que se constituiu a concepção traumática da neurose. Nas primeiras elaborações teóricas de Breuer e Freud, o afeto de pavor é designado como uma condição que paralisa a vida psíquica, impede a eliminação do estado emocional e favorece a formação de um “grupo psíquico separado”, intransponível, congelando uma parte da mente do indivíduo que não permite sofrer a ação do ego que avalia (razão).

61. PODEMOS CONSIDERAR O SINAL DE ANGÚSTIA COMO UMA DEFESA PRIMITIVA DO SER HUMANO?

R.: Sim, na explicação econômica que Freud apresentou inicialmente da angústia, esta é considerada como um resultado: é consequência de uma quantidade de energia que não foi dominada totalmente pelo uso racional. A expressão Sinal de Angústia põe em evidência uma nova função da angústia que faz dela um motivo de defesa do ego.

62. Sabemos que a não preparação racional para enfrentar algo ameaçador faz o ego usar defesas emocionais que podem produzir patologias.

PERGUNTA: QUAL A LIGAÇÃO DESTE CONCEITO DE PAVOR OU SUSTO EM RELAÇÃO AS CENAS DE SEDUÇÃO DE UMA CRIANÇA E AS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS FUTURAS?

R.: Quando Freud, nos anos de 1895-1897, tenta formular uma primeira teoria do traumatismo e do recalque sexual, a noção de uma não preparação do sujeito é essencial, quer na ocasião da “cena de sedução” que surge antes da puberdade, quer quando da evolução dessa cena num segundo momento (a posteriori). O “susto sexual” poderá produzir a repressão da sexualidade na vida do sujeito adulto.

63. O SINAL DE ANGÚSTIA É DESENCADEADO POR UM FATOR ECONÔMICO (ENERGÉTICO) OU PSICOLÓGICO?

R.: Por um fator psicológico, assim o desencadeamento do Sinal de Angústia não está necessariamente subordinado a fatores econômicos; pelo contrário, o Sinal de Angústia funciona como uma preparação racional do ego para enfrentar futuramente uma possível situação desagradável ou ameaçadora. Ele está ligado à sua capacidade de elaboração/perlaboração.

64. APESAR DO SINAL DE ANGÚSTIA TER COMO GATILHO O LADO PSÍQUICO, APRESENTA UMA RELAÇÃO COM O FATOR ECONÔMICO (ENERGÉTICO)?

R.: Sim, nem por isso a promoção da ideia de Sinal de Angústia exclui qualquer explicação econômica. Por um lado, o afeto, reproduzido sob a forma de sinal, teve que ser suportado passivamente no passado sob a forma da chamada Angústia Automática ou Pavor ou Susto, quando o sujeito se encontrava despreparado e foi dominado pelo afluxo das excitações. Por outro lado, o desencadeamento do sinal supõe a mobilização de uma certa quantidade de energia de contrainvestimento contra o desagradável.

65. O QUE SE ENTENDE COMO ANGÚSTIA AUTOMÁTICA E QUAL A SUA RELAÇÃO COM O SINAL DE ANGÚSTIA?

R.: Reação do sujeito sempre que se encontra despreparado e submetido a uma situação traumática, isto é, submetido a um afluxo de excitações, de origem externa ou interna, em que ele é incapaz de dominar. A Angústia Automática opõe-se para Freud ao Sinal de Angústia, que é a preparação racional para evitar a Angústia Automática.

66. EM AMBOS OS CASOS, “... COMO FENÔMENO AUTOMÁTICO E COMO SINAL DE ALARME, A ANGÚSTIA DEVE SER CONSIDERADA COMO UM PRODUTO DO ESTADO DE DESAMPARO PSÍQUICO DO INDIVÍDUO. A ANGÚSTIA AUTOMÁTICA É UMA RESPOSTA ESPONTÂNEA DO ORGANISMO A ESSA SITUAÇÃO TRAUMÁTICA OU À SUA REPRODUÇÃO.

PERGUNTA-SE: O QUE SIGNIFICA TRAUMA EM PSICANÁLISE?

R.: Um afluxo incontrolável de excitações variadas e intrusas que ameaçam o sistema psíquico, produzindo um afeto ameaçador à vida intrapsíquica do indivíduo.

67. A ANGÚSTIA AUTOMÁTICA É SEMPRE PRODUZIDA POR UMA SITUAÇÃO EXTERNA? EXPLIQUE, EXEMPLIFICANDO.

R.: Não, pode ser produzida por um aumento interno do afeto (sensação de desconforto que avança para o campo do ego) e do Quantum de Afeto (que pode ser descarregado involuntariamente através do corpo, nervos ou pelo aparelho psíquico). Por “situação traumática” deve-se entender um afluxo incontrolável de excitações variadas demais e intensas demais.

Esta é uma ideia muito antiga em Freud: nós a encontramos nos seus primeiros escritos sobre a angústia, onde esta é definida como resultante de uma tensão acumulada e não descarregada. A

expressão “angústia automática” indica um tipo de reação; podendo ser de origem interna ou externa. Exemplos: Síndrome de Pânico, que não encontra nenhum fator externo desencadeador.

68. O QUE SE ENTENDE POR ESTADO DE DESAMPARO?

R.: Termo da linguagem comum que assume um sentido específico na teoria freudiana. Estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna que o invade. Para o adulto, o Estado de Desamparo favorece a situação traumática geradora de angústia, já que caracteriza uma total insegurança e despreparo do indivíduo para enfrentar os desafios da vida de relação. Ele está intimamente ligado a uma baixa resistência às frustrações.

69. O estado de desamparo é encontrado na total dependência do bebê com relação à mãe. Influencia, assim, de forma decisiva, a estruturação do psiquismo infantil e adulto, destinado a constituir-se inteiramente na relação de dependência com outrem.

PERGUNTA-SE: QUAL A RELAÇÃO DO ESTADO DE DESAMPARO COM OS COMPLEXOS DE INFERIORIDADE, DA TIMIDEZ E COM O ESTADO DE INTROVERSÃO?

R.: O estado de desamparo é encontrado na origem da etiologia dos complexos de inferioridade, da timidez e dos processos de introversão.

70. QUAL A LIGAÇÃO DO ESTADO DE DESAMPARO COM UM POSSÍVEL TRAUMA PSÍQUICO?

R.: No quadro de uma teoria da angústia, o estado de desamparo torna-se o protótipo da situação traumática. E assim que, em Inibição, sintoma e angústia 1926, Freud reconhece uma característica comum aos “perigos internos”: perda, ou separação, que provoca um aumento progressivo da tensão, a ponto de, num caso extremo, o ego se ver incapaz de dominar as excitações, sendo submergido por elas — o que define o estado de desamparo.

71. QUAL É A EXPLICAÇÃO BIOLÓGICA PARA O ESTADO NATURAL DE DESAMPARO DE TODO RECÉM-NASCIDO?

R.: Note-se, para finalizar, que Freud liga explicitamente o estado de desamparo à prematuração do ser humano: a sua “... existência intrauterina parece não prepará-lo para enfrentar a vida com imediata independência em comparação com a da maioria dos animais; ele está menos acabado do que estes quando é jogado no mundo.

TESTE DE PREPARAÇÃO PARA A AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM (TAA) – CONFLITO PSÍQUICO E SUAS INTERFACES

Pedido 1

O que você entende por ambivalência?

Pedido 2

A ambivalência é momentânea ou é constante no plano mental? Justifique.

Pedido 3

Não existe ambivalência após a tomada de decisão. O que poderá ocorrer após o ego ter tomado uma decisão?

Pedido 4

Como a ambivalência poderá desaparecer?

Pedido 5

Só os objetos produzem ambivalência? Justifique.

Pedido 6

O ego prazer é sempre mais instintivo e está sempre ligado as emoções, desejos. Fale algo sobre o ego realidade.

Pedido 7

O que você entende pela expressão freudiana ego prazer?

Pedido 8

O que você entende pela expressão freudiana ego realidade?

Pedido 9

O ego prazer é mais ligado ao ego que sente ou que avalia? E o ego realidade?

Pedido 10

O que você entende por clivagem?

Pedido 11

Como o ego encontrará equilíbrio considerando o ego prazer x ego realidade?

Pedido 12

Quem é o idealizador do ego prazer?

Pedido 13

Como é estruturado o ego realidade?

Pedido 14

Qual a relação do ego prazer com a identificação e a introjeção de algo na personalidade (ego ideal)?

Pedido 15

Qual a relação do ego realidade com a identificação e a introjeção de algo no caráter (ideal de ego)?

Pedido 16

O que você entende por clivagem de ego?

Pedido 17

Quais os três momentos que estão ligados a clivagem de ego?

Pedido 18

O que você entende por clivagem de objeto?

Pedido 19

Cite um exemplo de clivagem de ego e outro de clivagem de objeto.

Pedido 20

Qual clivagem está na etiologia (origem) das grandes patologias e produz culpa essencialmente?

Pedido 21

Qual clivagem está na origem dos conflitos interpessoais e produz predominantemente frustrações: mágoas, rancores, ódio, etc?

Pedido 22

Como você poderá eliminar as clivagens de ego?

Pedido 23

Como você poderá eliminar as clivagens de objeto?

Pedido 24

O que você entende por conflito psíquico?

Pedido 25

Quais duas principais origens dos conflitos psíquicos?

Pedido 26

Cite um conflito ligado ao nível tópico do aparelho psíquico.

Pedido 27

Cite um conflito ligado ao nível estrutural do aparelho psíquico.

Pedido 28

O que você entende por realidade psíquica?

Pedido 29

Existem duas realidades psíquicas iguais? Justifique.

Pedido 30

O que você entende por frustração?

Pedido 31

As frustrações estão sempre ligadas ao conflito entre o ego desejo x o ego realidade. Quais as suas principais origens?

Pedido 32

O que você entende por trauma psíquico?

Pedido 33

Como os traumas podem se classificar em termos de tempo?

Pedido 34

O que você entende por trauma agudo? E por trauma crônico? Dê um exemplo de cada um deles.

Pedido 35

Qual a condição para que haja o traumatismo psíquico?

Pedido 36

Quais os dois princípios que buscam impedir o estabelecimento de um trauma? Explique cada um deles.

Pedido 37

Qual a relação do choro, do riso, do grito e do orgasmo com o princípio da inércia?

Pedido 38

A complacência somática atua tanto para evitar o trauma agudo como o crônico. Defina o que é complacência somática e qual a sua função?

Pedido 39

Para que caminhos a complacência dirige os excessos de excitações? Que patologias eles podem produzir?

Pedido 40

Como é desencadeado um trauma crônico?

Pedido 41

O que você entende por a posteriori?

Pedido 42

O que você entende por angústia?

Pedido 43

Fale algo sobre o medo.

Pedido 44

O que você entende por pavor ou susto?

Pedido 45

O que você entende por angústia automática?

Pedido 46

Qual a relação da angústia automática com o estado de desamparo?

Pedido 47

O que você entende por sinal de angústia? Qual sua grande função?

Pedido 48

Você pode interpretar algo para seu paciente sem que ele esteja preparado para entender? Quais as consequências se você fizer isso?

Pedido 49

O que você entende por desenvolvimento constante de angústia? Como essa angústia poderá ser eliminada?

Pedido 50

O que você entende por estado de desamparo?

Pedido 51

Quais as principais consequências do desamparo tanto na criança como no adulto?

Pedido 52

O que você entende por sentimento de inferioridade?

Pedido 53

Quais as suas principais origens?

Pedido 54

O que você entende por complexo de inferioridade?

Pedido 55

O que você entende por sentimento de culpa e como ele é desenvolvido?

PRINCIPAIS FONTES DE PESQUISA:

1. TEORIA PSICANALÍTICA DAS NEUROSES – OTTO FENICHEL – EDITORA ATHENEU
2. VOCABULÁRIO DE PSICANÁLISE – LAPLANCHE E PONTALIS – MARTINS FONTE
3. OBRAS COMPLETAS DE FREUD – EDITORA IMAGO

Histórico de versões deste documento

Data	Versão	Descrições das alterações
Ago/2024	V03a	Atualização.
Nov/2023	V03	Retirada do número do Conhecimento.
Abr/2023	V02c	Atualização.